

Porandubas

CONCURSO DE CONTOS!!
PÁGINA 11

DOM PAULO,
ESPECIAL!
PÁGINA 3

Boletim Interno da PUC-São Paulo. Ano IV Outubro Sala de Comunicação

33



Editorial

Democracia não dói

A PUC deu um salto qualitativo. É preciso ver além dos boatos, das fofocas que correram nas recentes eleições para Reitor. É preciso que as feridas cicatrizem logo (a propósito, que tal retirar das paredes os cartazes de TODOS os candidatos daquelas eleições?). Entrevistamos 30 pessoas sobre variados aspectos da política interna da PUC.

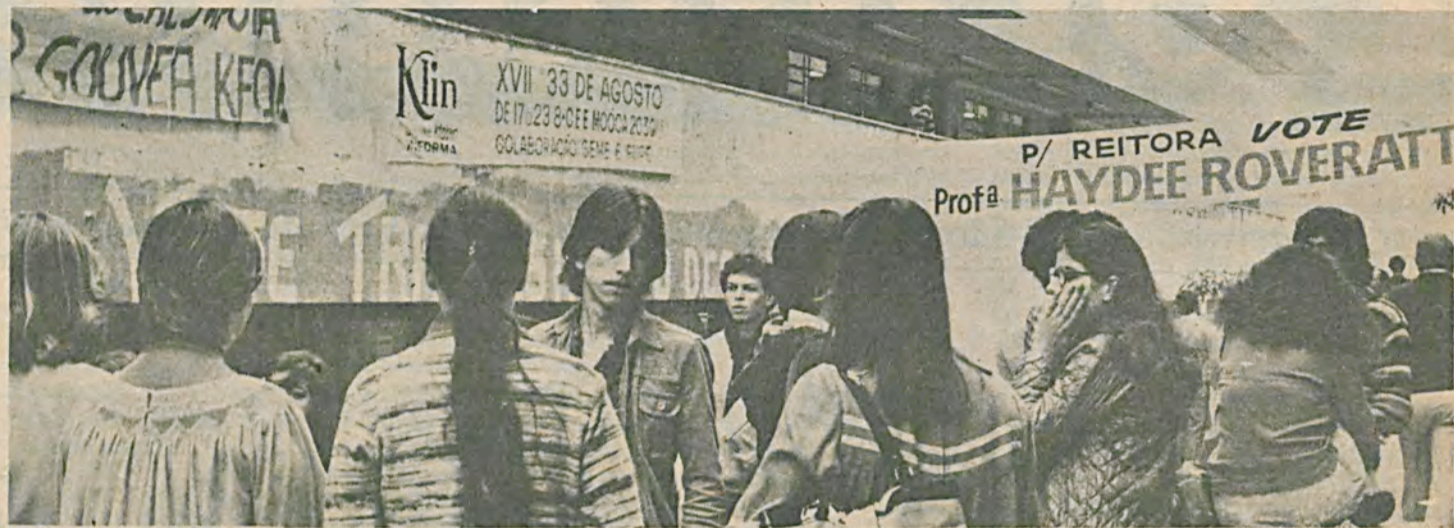
Muitos dos entrevistados frequentam vários escalões o que — de cara — indica forte concentração de poder, coisa que os próprios envolvidos denunciam. Graças aos ventos da democracia, vai ser possível ao PORANDUBAS tratar de assuntos que antes faziam "frisson" apenas aos iniciados que se sentiam um pouco os donos da bola. De repente, uma simples Comissão Comunitária (que nem Conselho é) convoca eleições inéditas QUE DÃO CERTO, com índice de comparecimento maior que as eleições da própria UEE. Mais de repente ainda, o Conselho Universitário equivale sua votação de 18 pessoas à de 9 mil indivíduos. Fato positivo foi a confirmação das Entidades como sujeitos dinâmicos e representativos dentro da PUC. Claro: eleição não significa necessariamente democracia. As distorções mostraram que é preciso meter a colher na Reforma dos Estatutos, a qual está em curso. Sobretudo, o fundamental é que a lição da democracia foi aprendida. Inversamente (que pena!) ao que acontece no Brasil, estamos descobrindo que é possível aplicar esta lição na solução de problemas econômicos: o orçamento e a epidemia deficitária que assola a PUC desde o tempo em que a gasolina era barata. . . Extra-oficialmente, já temos a Novíssima Reitoria, desta vez legítima de direito e de fato e não mais "biônica" quanto à forma de escolha. D. Paulo já chamou a Profª Nadir e Vice-Reitores para confirmar a escolha da comunidade e do Cons. Universitário. Falta chegar o "placet" de Roma e o anúncio oficial será feito até o fim do mês. Vai ter chopada. . .

Porandubas

R. Monte Alegre, 984
tel: 263-0211 r. 227
Editor: Jorge Claudio Ribeiro
Secretário: Roberto Barreiro Fº
Diagramador: Francisco Gualbernei
Impressão: Editora AFA
Tiragem: **14.000 exemplares**

Eleições

DIRETAS!!!



Fotos Maria Bueno Cardoso

OS FATOS

IN PRINCIPIO

Tudo começou com uma "carta-bomba" enviada dia 1º agosto por D. Paulo à comunidade universitária, acerca de eleições indicativas para Reitor. Contudo, a mensagem foi recebida "universitariamente", demorando a esquentar. Não se sabia ao certo o que fazer.

Dia 14 a Comissão Comunitária da Monte Alegre iria discutir o conteúdo da carta de D. Paulo. Fernando Cortese, da APROPUC, trouxe a proposta da entidade, por eleições diretas: "no dia 14 mesmo, já havia gente a ponto de indicar nomes, então propusemos as diretas que logo foram aceitas. Aí começou a correria porque havia pouco tempo, éramos poucos e a comunidade estava desinformada". Formou-se uma comissão eleitoral que definiu datas, urnas e também o peso igual do total de votos de funcionários, professores e alunos.

Um probleminha: não havia candidatos. Havia apenas uma lista com 150 "reitoráveis". Então programou-se um debate público no TUCA, para o dia 21/8, para apresentação dos possíveis candidatos e debate dos programas.

FOI DADA A PARTIDA!

As candidaturas começaram a se definir mesmo dia 18. ("Off the records", o Prof. Pedro Kalil - falecido em abril - fora cogitado e teria aceito candidatar-se). Geraldo Silvério, presidente da AFAPUC, foi procurado neste dia por Haydée Roveratti:

"Conversamos sobre as aspirações dos funcionários. Queríamos saber o que ela achava de um funcionário ocupar a Vice-Reitoria Administrativa: isto já fora cogitado em nossas Assembléias. Sabíamos que os estatutos não admitiam este ponto mas sentimos que temos pessoas qualificadas, que conhecem os problemas da PUC e que têm aspiração de galgar postos na hierarquia. A situação do funcionário aqui é inteiramente subalterna. Discuti também com Haydée o Projeto de Cargos e Salários, pois a AFAPUC diverge da Reitoria quanto a critérios de avaliação de cargos e porque ninguém sabe se está incluído no quadro em extinção. A Haydée prometeu - se eleita - reexaminar o caso". Não está claro se foi Haydée que procurou os funcionários ou se foi o vice-versa. O fato é que no dia 25 foi lançada uma bem-montada campanha, centrada especialmente nos funcionários mas que correu decisivamente para o entusiasmo nas eleições.

O "Dia do Fico" de Nadir Kfourri tem data imprecisa. Diz ela que ao final do dia 18, após a visita de inúmeras comissões que solicitavam que se candidatasse, ela acabou concordando. Carmen Junqueira fez parte de um desses grupos e contou que saiu da conversa "com a impressão de que ela aceitara nossa argumentação, mas sem muita certeza. Acho que isso foi no dia 19 ou 20. Pensei que a eleição seria mais tranquila, mas a campanha da Haydée nos surpreendeu".

ÚLTIMA HORA

"Tíamos que não aparecesse ninguém no debate do dia 21, conta Fernando Cortese, porque o dia seguinte era feriado por ser aniversário da PUC. Contudo, o TUCA lotou e o ambiente esquentou. Só o nome da Nadir foi lançado oficialmente. Circulavam também boatos acerca de outros nomes. É claro que o processo seria mais consequente se tivessem surgido chapas e programas. Ainda por cima havia uma lista imensa de 'reitoráveis', que não parecia emocionar ninguém. Contudo, com a candidatura de Nadir e Haydée houve rápida mobilização e ninguém ficou alheio. Para isto, foi importante o papel das Entidades representativas que assumiram o processo. Ressalto que a mobilização se deu em cima de um fato concreto, contrariamente à Reforma dos Estatutos que ficou uma coisa muito abstrata para a maioria. Com as eleições é que se percebeu a necessidade concreta desta reforma.

ELEIÇÕES DIRETAS!

As eleições foram dia 25 e 26/8. Já no dia 23 surgiram cartazes pela PUC. Dia 25 logo pela manhã, contornados problemas como falta de alguns mesários, as urnas foram abertas na Monte Alegre e enviadas para os outros campi. A Comissão Eleitoral, formada por apenas 5 pessoas, tentava estar presente a tudo. Aos poucos, a propaganda crescia, surgindo as inevitáveis tensões entre os "cabos eleitorais".

		NADIR	HAYDÉE	EDÊNIO	A. DALLARI
MONTE ALEGRE	Prof.	595	67	34	35
	Func.	149	224	06	—
	Alun.	5746	211	47	217
DERDIC	Prof.	51	—	—	—
	Func.	21	02	01	—
	Alun.	—	—	—	—
SOROCABA	Prof.	37	09	01	—
	Func.	15	103	78	01
	Alun.	310	15	05	02
MARQUÊS PARANAGUÁ	Prof.	15	01	—	—
	Func.	12	10	—	01
	Alun.	107	09	14	05
TOTAL	Prof.	698	77	35	35
	Func.	197	349	85	02
	Alun.	6163	235	66	224
TOTAL GERAL		7058	661	189	261

VOTOS VÁLIDOS	Prof.	891		
	Func.	717		
	Alun.	7304		
TOTAL VOTOS VÁLIDOS		8912	NULOS - 179	BRANCOS - 131
TOTAL VOTOS APURADOS		9222		

Dia 26 pela manhã na DERDIC a votação já está terminada. Em Sorocaba, Pe. Enzo se encarrega da votação que transcorre sem problemas. Contudo, no campus Paranaguá só neste segundo dia é que as urnas são abertas, sob responsabilidade do Pe. Mauro, vice-diretor comunitário. Na Monte Alegre o comparecimento dos estudantes aumenta progressivamente, são convocados mais fiscais e é colocado um cordão de isolamento a fim de evitar aglomeração junto às urnas. No final da tarde e início da noite a candidatura Haydée parecia dar uma virada. A agitação era incrível. Às 22 horas se encerrava a votação. O Salão Beta ainda está superlotado: as suas portas são fechadas mas logo reabertas com a presença dos presidentes das Entidades, a fim de que todos votassem.

Afinal, as urnas são lacradas e levadas para a sala 134 onde se procede às apurações. O local está lotado com gente torcendo e cantando músicas feitas ali na hora. Chegam as urnas de Sorocaba e da DERDIC enquanto as de Marquês de Paranaguá demoram. De repente, lá vem Pe. Mauro com as urnas debaixo do braço. Há um momento de incerteza quando o Conselho Comunitário se reúne para decidir se mantinha a suspensão dos votos do campus Paranaguá devido ao processo um tanto confuso de votação. Afinal, volta-se atrás na suspensão e começa a apuração que vai até as 5.30 h da manhã do dia 27. Em termos ponderados o resultado foi

de 17.000 votos para Nadir e 7.000 para Haydée. No quadro abaixo apresentamos a soma de votos sem o cálculo de proporcionalidade (funcionário: peso 17; professor: peso 12; aluno: peso 1).

CONSELHO UNIVERSITÁRIO

O processo de eleições diretas pegou o Cons. Univ. desprevenido. Alguns conselheiros haviam anunciado que acata-riam o resultado das eleições da comunidade. Este resultado foi conhecido poucas horas antes da reunião do C. Univ. que elaboraria a lista tríplice solicitada por D. Paulo. Por outro lado, conselheiros pertencentes aos Centros de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas; Centro de Matemática e Física; Centro de Medicina e Enfermagem e Instituto de Estudos Especiais haviam escolhido com antecedência seus candidatos e os apresentaram numa fase preliminar da reunião. Não havia representante dos alunos. Ali presentes havia 18 conselheiros.

Assim, após uma primeira indicação de nomes, passou-se à votação. Cada conselheiro indicaria 3 nomes, sem ordem de precedência. A representante "ad hoc" do Ciclo Básico absteve-se de votar, argumentando por escrito que seu compromisso com os colegas fora de defender não só o resultado das eleições da comunidade como fundamentalmente o procedimento escolhido: as eleições diretas. A Reitora respondeu que aquele procedimento correspondia ao pedido expresso de D. Paulo

de que o Cons. Univ. lhe remetesse lista tríplice. Assim, o resultado da votação do Conselho indicou:

- CASIR KFOURI - 17 votos
- CASEMIRO DOS REIS FILHO - 16 votos
- EDÊNIO VALLE - 14 votos
- DIRCEU DE MELLO - 2 votos
- ADILSON DALLARI - 1 voto
- HAIDÉE ROVERATTI - 1 voto

Contudo, fica aberta a questão. A conselheira Prof.^a Ana Cintra afirma que "o Conselho não se deteve para analisar se seria uma posição autoritária não referendar a escolha da comunidade. Creio que talvez se devesse ter feito esta análise". Também os profs. Aloísio Oliva e Gilda Perosa expressaram num documento-análise que no Cons. Univ. "a vontade da maioria, expressa nas urnas, foi considerada por muitos membros". Fica aberta a questão.

O QUE SOBROU?

O documento de Aloísio e Gilda observa ainda que os baixos níveis de votação em Sorocaba e no campus Paranaguá revelam desarticulação com o campus Monte Alegre. Ana Cintra considera por outro lado que os funcionários, pela rapidez de sua mobilização, mostraram alto preparo político do setor. Uma ajuda inesperada veio por parte da imprensa pois, segundo Fernando Cortese, "muitos perceberam a importância das eleições a partir da repercussão e cobertura através da imprensa. O próximo passo que na Co-

missão Comunitária pretendemos dar é a ampliação do processo eleitoral para outros escalões, a nível acadêmico e administrativo. Nós da APROPUC procuramos uma forma de acabar a dicotomia entre aqueles níveis, integrando-os através do orçamento e plano acadêmico.

PRA PENSAR EM CASA

Na eleição da comunidade, o voto do estudante teve peso 1; do professor teve peso 12 e o do funcionário teve peso 17. Fernando Cortese diz que a idéia nasce na APROPUC mas que não se tinha claro se o cálculo seria feito sobre o número de votos efetivos de cada setor ou se - critério afinal adotado - a base do cálculo seria o colégio eleitoral (sem levar em conta quantos votaram de fato): "essa questão ficou meio arbitrária" conclui Fernando. O prof. Casemiro teria preferido que o critério de proporcionalidade "fosse abolido, mas tendo como contrapeso uma eleição feita também pelos órgãos colegiados, que têm maior experiência administrativa e podem contrabalançar uma eventual demagogia: tenho medo de na PUC algo semelhante ao fenômeno Jânio. Democracia não é necessariamente igual a eleição, haja vista a vitória eleitoral de Pinochet. Geraldo Silvério é a favor de pesos diferentes nos votos "senão eles elegem quem eles querem, dada a disparidade de no número total".

D. PAULO

Grão-Chanceler analisa a PUC e seu processo eleitoral. Especial para PORANBUBAS.

PORANDUBAS - Como o senhor viu o processo eleitoral da PUC?

DOM PAULO: Eu mesmo propus a eleição e fiquei entusiasmado com a participação e a seriedade com que ela se realizou. Também devo dizer com toda simplicidade que me alegrou o resultado da eleição. O povo - e os estudantes são povo - sabe eleger seus representantes e aí manifesta sua grande alegria, além de sensibilidade democrática.

PORANDUBAS - Como foi a repercussão da Sociedade Civil?

D. PAULO - Da parte da Universidade recebi professores, funcionários (ainda não recebi estudantes) que manifestaram sua gratidão e alegria pelas eleições. Quanto à Sociedade Civil, não houve uma voz discordante nem em São Paulo nem de outras partes. Recebi apoio de pessoas ligadas a movimentos políticos, movimentos populares, Universidades e até do exterior. Esse apoio me deixou muito honrado.

PORANDUBAS - Como será o processo de confirmação?

D. PAULO - Da minha parte, já está confirmada a pessoa mais votada. Enviei a documentação a Roma porque trata-se da Pontifícia Universidade. É uma formalidade que deve ser cumprida e pode ser também que Roma queira manifestar-se. Assim, a Reitoria terá o sufrágio popular e também a nomeação de João Paulo II e

isso deve agradar muito o povo brasileiro nesse momento.

O anúncio oficial será em novembro, dentro do prazo previsto nos estatutos. Contudo, já comuniquei à mais votada que ela tinha a minha preferência: convoquei-a e disse que se preparasse.

PORANDUBAS - Parece que o senhor andava meio triste com a PUC...

D. PAULO - Eu comentei que nesses 10 anos, a eleição foi o momento mais feliz que tive com a PUC. O que me incomodava e incomoda é que os estudantes queiram consumir a PUC e não a construam. É preciso que eles tomem a PUC na mão e não resolver seus problemas através dela: o consumismo não deve entrar na juventude nem na Universidade. Mas agora eu vi os estudantes construindo juntos, uma organização de baixo para cima que se exprimiu através do voto.

PORANDUBAS - Como o senhor vê a extensão do processo eleitoral para outros escalões?

D. PAULO - Penso que este é o único modo de agir a partir de agora, claro que dentro dos estatutos possíveis, que limitem um pouco mas que podem abrir perspectivas amplas.

PORANDUBAS - Como avalia a gestão anterior?

D. PAULO - O principal foi que a Reitoria sintonizou com estudantes, profes-

res e funcionários. Ao mesmo tempo, assumiu a Igreja, ao assumir o programa do povo, através de seus Institutos, da presença de estudantes na periferia, fazendo com que os programas da Igreja entrassem na pesquisa da Universidade a qual daqui para o futuro deve ter como centro o homem e a convivência humana.

PORANDUBAS - O senhor confirmaria o resultado das eleições independente do nome?

D. PAULO - Uma vez que abrimos o jogo, foi para valer. Aliás, nunca me arrependi de abrir o jogo a uma participação popular. É o povo que elabora o programa da Igreja, naturalmente dentro das normas e dos parâmetros do Evangelho e da nossa identidade. Estamos fazendo um processo de escuta do povo, dentro da nossa Arquidiocese: dia 13 de dezembro vai haver a grande votação do programa da Igreja de São Paulo. Haverá cinco delegados de cada setor e os votos serão respeitados como foram. Isto acontecerá sempre que se propõe a uma democracia. Quando o povo é tratado com dignidade responde com uma dignidade ainda maior.

PORANDUBAS - O que o senhor espera da PUC?

D. PAULO - Espero que ela se integre no espírito de Puebla, num serviço de participação e comunhão, realizando a opção pelos jovens e pelos pobres na construção



de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Acho que a PUC vai ter um papel essencial: o do intelectual que caminha para o povo.

coisas em Si
produtos naturais

alimentos - artesanato
brinquedos - livros
roupas - cosméticos
presentes - plantas

R. João Ramalho, 815 - Perdizes
tel: 65-5366.

Jeans Point
MODA JOVEM

Na apresentação deste ganhe um desconto
Rua Dr. Candido Espinheira, nº 525

CAFÉ SEM COMPROMISSO

Todas as noites uma noite especial para gente especial como você. (Apresentando este anúncio você tem um desconto).

Esperamos você, na R. Turiassu nº 480
tel. - 62-7251

DR. AGNON PEDRO DE ALMEIDA CIRURGIÃO DENTISTA

Consultas Com Hora Marcada.
Rua Monte Alegre nº 581
tel.: 262-5712

Haydée Roveratti

PORANDUBAS: Como você resolveu se candidatar?

HAYDÉE: Tudo ocorreu com rapidez. Houve a carta de D. Paulo, momentos de incerteza, até que, afinal, deu-se o processo eleitoral tal como foi.

Por ter analisado uma Comissão da AFA-PUC que analisou o Plano de Cargos e Salários, aproximei-me mais dos funcionários e houve possibilidade de conhecê-los melhor e seus problemas. Deles veio, originariamente, a proposta de eu concorrer na eleição para Reitor. Surpreendi-me, ponderei a respeito de requisitos, possibilidades e responsabilidades do cargo. Ouvei pessoas na comunidade. Mesmo antes da proposta dos funcionários eu já ouvira comentários a respeito de minha indicação. Não sabia de onde saíam as notícias.

Sensibilizava-me o processo democrático proposto, rompendo a tradição anterior. Já até pensei que escolheria o Pe. Edênio, mas ouvira que ele não poderia ser Reitor. Corria também que Da. Nadir não pretendia ser reconduzida. Afinal, tomei a decisão de me candidatar dia 21 de agosto, à noite.

PORANDUBAS: Correu o boato que a direita te apoiava. . .

HAYDÉE: Baseado em quê? Afirmou-se que eu faço parte da Escola Superior de Guerra. A história é assim: as Associações dos Diplomados da Escola Superior de Guerra organizam cursos, anualmente, para pessoas indicadas. Entre outras instituições, a PUCSP recebe estes convites e tem indicado nomes. Em 1976, época em que não era tão divulgada a doutrina da ESG, a PUCSP indicou o meu nome. Antes e depois de mim outros professores frequentaram este curso. Aceitei fazê-lo, a fim de conhecer aquela doutrina e firmar crítica. Isto não quer dizer que eu faça parte da E.S.G. Logo, afirmar isto de mim é desinformação. Eu trouxe para as minhas aulas em cursos de graduação e pós, aquela experiência e seu conteúdo, dando ciência aos alunos de que fizera aquele curso, informando-me para poder fazer crítica responsável e fundada na minha reflexão.

PORANDUBAS: Passada a campanha,



Haydée Roveratti

quais foram mesmo os pontos centrais de seu programa?

HAYDÉE: Participando da criação de uma nova ordem social, o ensino é força de sustentação, é ele que instrumenta o trabalho inovador. Ele deve ser pensado cuidadosamente.

A questão econômica da PUC poderia envolver ação mais agressiva, assumindo riscos até maiores. É preciso arriscar a partir de dentro, conhecendo o mecanismo oficial e se colocando nele. Ora, a PUCSP é forte em suas convicções. Não basta buscar subvenções. A PUCSP tem que se tornar mais necessária ainda, abrindo espaço dentro do governo, o que não significa ser cooptada ou submetter-se. É correto exigir do Estado; talvez, a partir de dentro seja possível encontrar e criar iguais em convicção. E não só no governo, mas também na sociedade inclusiva.

Mas para tudo isto é prioritário e fundamental que nos preocupemos com a própria PUC enquanto agentes administrativos e docentes. A opção pelo povo deve ser integral, incluindo a própria PUCSP.

PORANDUBAS: Você prometeu a Vice-Reitoria Administrativa a um funcionário?

HAYDÉE: Eu defendi e defendo a escolha direta, por eleições, de Vice-Reitores e acredito que esse um funcionário compreende melhor as questões administrativas do que um professor. Por isto penso que a Vice-Reitoria Administrativa teria melhor desempenho se ocupada por um funcionário. Isto é bem diferente do que se afirmou: se algo prometi, foi a escolha direta de Vice-Reitores.

Percebo que ainda há muitos ruídos na comunicação entre funcionários, professores e alunos. A superação dos problemas de comunicação faria com que a participação fosse maior e mais criadora, ainda.

PORANDUBAS: O que você achou do critério de proporcionalidade na eleição?

HAYDÉE: Este critério precisa submeter-se a reflexões mais amplas. É importante, porém, considerar a experiência em sua totalidade, seu significado, bem como o que soubemos fazer. E criar o melhor a partir da crítica de nossos erros e acertos. A convicção a respeito do que fazemos e de nossa força poderia fazer mais democrático nosso propósito. E isto tornaria desnecessário, tenho certeza, o uso de inverdades, como por exemplo: Haydée foi responsável pelo pedido de demissão do professor Dalmo Dallari, Haydée participou do processo de triagem ideológica. . . Você me dá a oportunidade de esclarecer: Pelo que me consta, Prof. Dalmo Dallari não foi professor nesta escola e eu não convivi ou sequer conheci aquele professor aqui na PUC. Minha história profissional na PUCSP e fora dela, se bem conhecida em seus princípios e ações, torna insustentáveis afirmações daquela natureza.

PORANDUBAS: Apesar de tudo, começaria tudo outra vez?

HAYDÉE: Não começaria porque não teria deixado de fazer. Não agimos com o objetivo estrito de termos um cargo. Temos um compromisso permanente na comunidade da qual fazemos parte. A experiência no processo de escolha de Reitor confirmou e aumentou nossa responsabilidade. Dela não nos esquivaremos.



NADIR KFOURI



Nadir Kfourri

PORANDUBAS – Como iniciou sua candidatura?

NADIR KFOURI: Fui pega de surpresa. Já tínhamos ouvido algumas manifestações de pessoas que achavam que deveríamos continuar, para firmar a abertura democrática e cultural obtida. Contudo penso que é importante, tanto no setor acadêmico, como no administrativo, a renovação de mandatos, porque surgem novos pontos de vista que enriquecem.

O que me fez decidir a assumir a candidatura? Diante de comissões e comissões, especialmente de professores, que vinham à minha sala e que diziam que havia um consenso em torno do meu nome e que se esperava continuidade no trabalho iniciado, eu concordei com isso. Minha dúvida era se eu seria a pessoa indicada, pois há pessoas muito capazes para o cargo: qualquer dos Vice-Reitores, o Joel, o Severino. Mas acabei me rendendo à evidência pois me pareceu pretensão minha ter uma visão melhor que tantos colegas que me procuraram.

PORANDUBAS: O que lhe pareceram as eleições?

NADIR: Achei a eleição muito animada, mostrando grande aspecto lúdico, um verdadeiro clima de festa. O fato de haver outra candidata animou mais ainda. Foi uma experiência válida, legítima que é preciso refletir, neste momento de reformulação de estatutos. Quanto ao resultado, me deixou profundamente comovida, não vou negar. Senti que foi dado voto de

confiança a toda a Reitoria atual. Assim se criou um compromisso de continuidade com a análise crítica de uma Universidade consciente de si mesma. É fundamental continuar trabalhando em cima de meios nacionais e internacionais pelo desenvolvimento de projetos científicos voltados para a nossa realidade e nosso povo, na linha da pastoral da Igreja de São Paulo que fez a "opção pelos pobres" junto com todas as Igrejas da A. L.

Mas é preciso dar um passo adiante no sentido da participação. Sempre houve diálogo entre a Reitoria e os vários setores, e até provocamos este diálogo. Contudo, às vezes ouvíamos restrições ao fato de não termos sido escolhidos pela Universidade. Contudo, agora representamos a comunidade e isso nos dá direito a convocar esta participação tanto a nível administrativo como acadêmico. É preciso repensar os cursos, o Pós, o Básico, os estatutos; é preciso que todos acompanhem e elaborem o orçamento, que levantem fundos. Estas tarefas não devem ser conduzidas por pessoas de áreas afetas mas por comissões que devem sair das bases. A Reitoria solicitou à Comissão Comunitária que vaibilizasse estas tarefas. Cito uma contribuição recente do Prof. Wanderley - publicada nesta edição de PORANDUBAS - que encaminha formas concretas de conseguir recursos para a PUC. Creio que se deva ainda dinamizar os cursos de extensão a fim de tirar partido maior deles: são uma forma de a PUC oferecer serviços, mas também uma fonte legítima de levantar recursos.

PORANDUBAS: Pretende-se ampliar o processo eleitoral para outros escalões?

NADIR: Primeiro, esclareço que só veria sentido em eleições para Vice-Reitor se chapas tivessem sido formadas, entre pessoas que têm afinidades de trabalho. Não vejo sentido promover outra eleição para reunir aleatoriamente pessoas que vão trabalhar juntas todo o dia. Creio que esta eleição foi um voto de confiança não para mim mas para a atual Reitoria como um todo.

Segundo, naquilo que o estatuto dá liberdade, como deu-a ao Grão Chanceler, no caso das eleições para Reitor pretendo proceder no sentido de que os Diretores de Centro também sejam indicados a partir de suas áreas. A reforma do estatuto é que vai considerar como será possível chegar ao máximo de democracia compatível com a legislação vigente.

RECOMENDAMOS

**DR. JOÃO CORIOLANO
REGO BARROS**
Pediatra

Consultório: Av. Paulista, 1.159
13º and. conj. 1310
Tel.: 285-5828

DR. SOUBHI KAHHALE
Obstetrícia e Ginecologia

R. Cardoso de Almeida, 788
Conj. 122 - (12º andar)
Fone: 864-1196

Zapata
Ciências Humanas

Horário das 9 às 22 hs

Rua Dr. Cesário Mota Jr. 285-

Tel: 2222861

CeTeC

**CENTRO
TÉCNICO DE
CÓPIAS**

Tel.: 262-8870

Matriz: Rua Bartira, 409

Posições estudantis

Novo rumo

O pessoal do Novo Rumo batalhou pelo voto em branco. Marisa explica que apesar de apoiarem as eleições, não concordaram com o processo porque não foi explicada a proposta dos candidatos. Pergunta por que a comunidade toda não foi avisada imediatamente da carta de D. Paulo, por que "ficaram todos trancados até a hora H? Até um dia antes não sabíamos quem iria ser o candidato. Só no debate do dia 21 é que apareceu um único candidato. . . Nós queríamos saber qual o reitor que defenderia o ensino público e gratuito? Ora, o papel do reitor é aumentar as taxas e nós votamos nele. Não sabemos quantos foram os votos em branco porque nada foi divulgado sobre os resultados das eleições. Sei que muitos alunos votaram na ilusão porque a Prof^a Nadir lhes parecia a candidata mais progressista".

Marisa acha que a eleição atrapalhou o trabalho do ME. "Prova disso foi o esvaziamento de uma assembléia que convocamos em um dos dias da eleição. Claro, como é que o ME depois de votar numa pessoa vai se reunir para brigar contra ela? Isso é ilógico, não dá pra entender. Nós estamos apoiando quem toma nosso dinheiro. O boicote às eleições através do voto em branco foi uma demonstração de que não tínhamos candidato: nós defenderíamos quem garantisse a democracia dentro e fora da Universidade".

Marisa lança uma proposta: "acho que a Universidade ideal seria constituída por uma formação paritária de alunos, professores e funcionários". E conclui: "As eleições foram uma abertura que só a PUC poderia oferecer. Mas por falta de tempo ou de vontade, sei lá, a comunidade não se conscientizou de seu valor político".

C.A. matemática e física

Em reunião dia 27/8, convocada especialmente para este fim, tirou um documento a respeito dos acontecimentos ocorridos no Centro durante as eleições, o qual pretendeu responder às notícias veiculadas "de forma caluniosa e inverídica" na edição do mesmo dia na Folha de São Paulo.

O documento considera as eleições um avanço democrático e esclarece contudo que a Diretoria do CA propôs o encaminhamento da votação e a anulação do voto. Isto porque as eleições - indicativa e indireta - era limitada e que não havia programa claro de candidatura que tomasse posição na defesa da autonomia universitária (gestão pelos estudantes, professores e funcionários).

É relatada a dificuldade de se iniciarem as eleições, devido à ausência da Comissão Eleitoral. Devido à responsabilidade assumida pelo Pe. Mauro Batista foi possível abrir-se as urnas só na 3^a feira. O documento revela ainda que houve tentativa por parte da Comissão Eleitoral de impugnar os votos do campus Paranaguá alegando irregularidades mas que voltou atrás ao tomar conhecimento dos fatos. E acrescenta textualmente: "quanto à acusação de que a maioria dos professores do campus (sic) da TFP é inverídica e embora o C.A. dê espaço para todas as tendências se manifestarem, a afirmação de que a maioria dos estudantes são (sic) da Liberdade e Luta é inverídica".



Desta forma pretendeu-se responder à notícia que comprometia a comunidade "caracterizando-a como irresponsável e medíocre diante de um processo eleitoral importante e inédito na Universidade". O documento é assinado por: Estudantes e Diretoria do C.A. da Matemática e Física.

Liberdade e luta

O pessoal da Liberdade e Luta lutou pelo voto nulo. PORANDUBAS ouviu a Mônica para saber por quê: "Dizia-se que votar para Reitor era um passo na democratização da Universidade. Ora, se olharmos a história do ME veremos que o conhecimento e a liberdade de organização é que fizeram a reconstrução. Isso foi conquistado independentemente das instituições da Ditadura, em especial o MEC. A independência foi conquistada sem contar com órgãos colegiados ou Reitorias. Nossa única garantia em nossas reivindicações é a continuidade da nossa luta e nossa organização em prol do ensino gratuito. Fomos contra a eleição porque a Reitoria nunca vai encaminhar nossas reivindicações pois é ela quem pede ao MEC os aumentos. Não podemos apenas

lutar contra o MEC que aprova os aumentos mas é preciso combater quem os pede".

Mônica aponta como meta de luta a federalização da PUC, para que o governo assumira sua responsabilidade pelo ensino ao invés de ficar propondo mudança de capital. Ela ainda calca fogo em cima do DCE: "Eles foram incoerentes ao apoiar uma pessoa que decidiu sobre até boicote. O DCE ficou comprometido com essa Reitoria: passou até a ser parte dela pois passou o ME para as mãos daqueles que queriam controlar tudo. Em reunião do Cons. Centros Acadêmicos foi tirada uma posição de que se devia discutir o processo de votação, discutir quem nos representaria e isso não foi feito".

São apontadas deficiências no processo eleitoral, muito precipitado, sem informações. Além disso, os alunos e a Reitoria têm lutas diferentes: "seria o mesmo que convidar os metalúrgicos a votarem no De Nigris ou no Vidigal. É verdade que houve poucos votos nulos mas isso não é base de análise pelo modo como foram feitas as eleições".

Mônica não vê a situação com confiança: "O processo de eleições não vai nunca garantir os ideais estudantis. Há 4 anos perdemos a briga com a Reitoria e ainda por mais 4 vamos continuar perdendo? Nós votamos nesses senhores que

nos vão cobrar aumentos, sobre-taxas. Votar nele é concordar com os aumentos, não é? A eleição esvaziou o Movimento Estudantil na PUC".

DCE

Fomos conversar com o Ricardo Gerbrin e com o José Fernando, presidente e vice do DCE. Eles consideraram a eleição direta para Reitor uma conquista e se entrosaram com outras entidades, além de lançarem um programa de reivindicações que seriam base para as discussões dos estudantes. "As eleições da PUC, afirma Ricardo, extrapolaram seus muros pois significam uma vitória na redemocratização geral da Universidade. Esta bandeira é agitada pela UNE, e ao mesmo tempo Brasília mantém coronéis nas Reitorias além de boicotar eleições diretas à Sociedade Brasileira".

"Os estudantes, completa Fernando, estão fartos da cartolagem e cupulismo que impede a participação ampla e toma decisões contrárias aos anseios estudantis. É claro que o processo eleitoral teve suas falhas, como o pouco tempo de preparação, além da participação dos estudantes na votação ter sido inferior à desejada".

O DCE assumiu a eleição, apesar de ter recebido críticas. E as devolve: "quem se negou a participar deste processo eleitoral, mostrou não ter percebido que esse era o passo concreto pela democratização da PUC. Outros ainda adotaram posição centrada ao votar em branco pois embora reconhecessem a legitimidade do processo - mesmo limitado - não apontaram perspectiva para a comunidade. Essas posições foram repudiadas pelo conjunto dos estudantes que, apesar do pouco esclarecimento, votaram massivamente". Fernando esclarece que o DCE não apoiou oficialmente nenhum candidato uma vez que não houvera compromisso de nenhum candidato com o programa do DCE. "Entretanto, a Diretoria apoiou a Prof^a Nadir porque ela garantiu a democracia interna e exigiu verbas do MEC. Contudo entramos em atrito com a Reitoria, quanto a cobrança de aumentos e não abandonaremos esta posição, embora reconheçamos que já houve uma real abertura democrática dada pela Prof^a Nadir".

CUBs

As CUBs soltaram documento em que ressaltam que as eleições foram um gesto simbólico que marca uma nova etapa na vida da PUC, ligada à iniciativa de D. Paulo, preocupado que está com o papel da Universidade em nossa sociedade, valorizando experiências de trabalho profissional junto ao povo.

O documento aponta como falhas o lançamento dos candidatos muito em cima da hora, ausência de programas o que reduziu a argumentação a mero jogo de forças entre os grupos. As CUBs apoiaram a Prof^a Nadir por entender que sua gestão foi marcada pelo diálogo, pela garantia de espaço para atuação das entidades e também de grupos cristãos. Ressaltam ainda a acolhida à SBPC, a Semana de Teologia, o esforço por solucionar a crise financeira além do início de discussão sobre os estatutos.

Finalmente, as eleições diretas captam anseios por uma Universidade livre e pluralista em prol de uma nova sociedade.

Quê isso?

QUEM É QUEM

O Conselho Universitário é formado por 26 pessoas e se reúne mensalmente. São conselheiros os membros da Reitoria, os cinco Diretores de Centro, cinco representantes docentes (um por centro) e cinco discentes. Além deles, há o representante dos funcionários — por estatuto é escolhido pelo próprio C. Univ. — um representante dos empresários e um das classes trabalhadoras; o diretor do Instituto de Estudos Especiais (IEE) e o presidente do Pós-Graduação. Finalmente, o Dr. Aquino que é Secretário da Universidade e a Chefe de Gabinete, sem direito a voto.

Ana Cintra, Diretora do Centro C. Humanas, e Marcos Masetto - representante docente - apontam que, pelos estatutos, apenas 12 conselheiros são elegíveis, enquanto todos os outros são escolhidos de cima para baixo, vindo nisto um traço autoritário inscrito nos estatutos. "Além disso, os representantes dos alunos raramente aparecem e o dos operários nunca veio", acrescentam. Sílvia Pimentel, diretora do Centro de Jurídicas e Administrativas, reconhece que apesar de não eleito o atual time de conselheiros é formado por pessoas democráticas e representativas, que deram um caráter muito amadurecido à atuação do Conselho. "Contudo, acrescenta Sílvia, precisaríamos garantir que aí houvesse sempre representantes das bases, escolhidos por elas. Uma vez que a Reitoria foi escolhida de forma direta, os Diretores de Centro e conselheiros deveriam sê-lo da mesma forma".

NECESSÁRIO? SUPÉRFLUO?

Como funciona este Conselho? Sabe-se que é o órgão máximo mas sua definição veio de um decreto ou de uma efetiva atuação? Marcos Masetto conta que os assuntos da ordem do dia são na maioria administrativos e burocráticos. José Queiroz, do IEE, revela que o Conselho não tem uma dinâmica de trabalho mas que lida com fatos elaborados pelos órgãos colegiados. "Na prática, diz Ana Cintra, o Cons. Univ. tem muito poder mas na prática ele respeita muito o trabalho do Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE), que é mais representativo, e onde os assuntos são aprofundados. No C. Univ., há muito trabalho o que às vezes provoca reuniões extraordinárias. As matérias da pauta são estudadas com antecedência. Nem sempre se segue o CEPE: houve um caso em que os alunos de Sorocaba recorreram de uma decisão da Assessoria Jurídica e do Vice Acadêmico e o C. Univ. deu-lhes ganho de causa". O prof. Queiroz compara o C. Univ. ao Senado, em que há um relator, e este leva o maior peso do trabalho: "em-

bora o estatuto fale em grupos de trabalho e afora a Comissão de Enquadramento e a Comissão da Reforma de Estatutos, nunca o C. Univ. se desmembrou para pensar um caso específico, além de não ter feito uma revisão de sua forma de trabalho".

Mas então, o C. Univ. é necessário mesmo? Depende. Marcos lembra que o CEPE e a Comissão Comunitária tiveram um desenvolvimento inesperado, e que o C. Univ. não teve semelhante dinamização. Além disso, quando chegam lá em cima, as questões já vieram mais que debatidas, a partir dos Departamentos, passando por vários órgãos. Assim, resta ao C. Univ. o papel de homologador. Ana Cintra, reconhece que no momento "parte da vida da PUC passa ao largo do C. Univ.: ele não é o órgão de confluência de todos os assuntos. Falta um Conselho comunitário e não apenas uma Comissão, o qual ao lado do CEPE confluiria os assuntos ao C. Univ. para tratamento a nível administrativo, veria formas de viabilização. Por isso acho que o C. Univ. tem sua razão de ser".

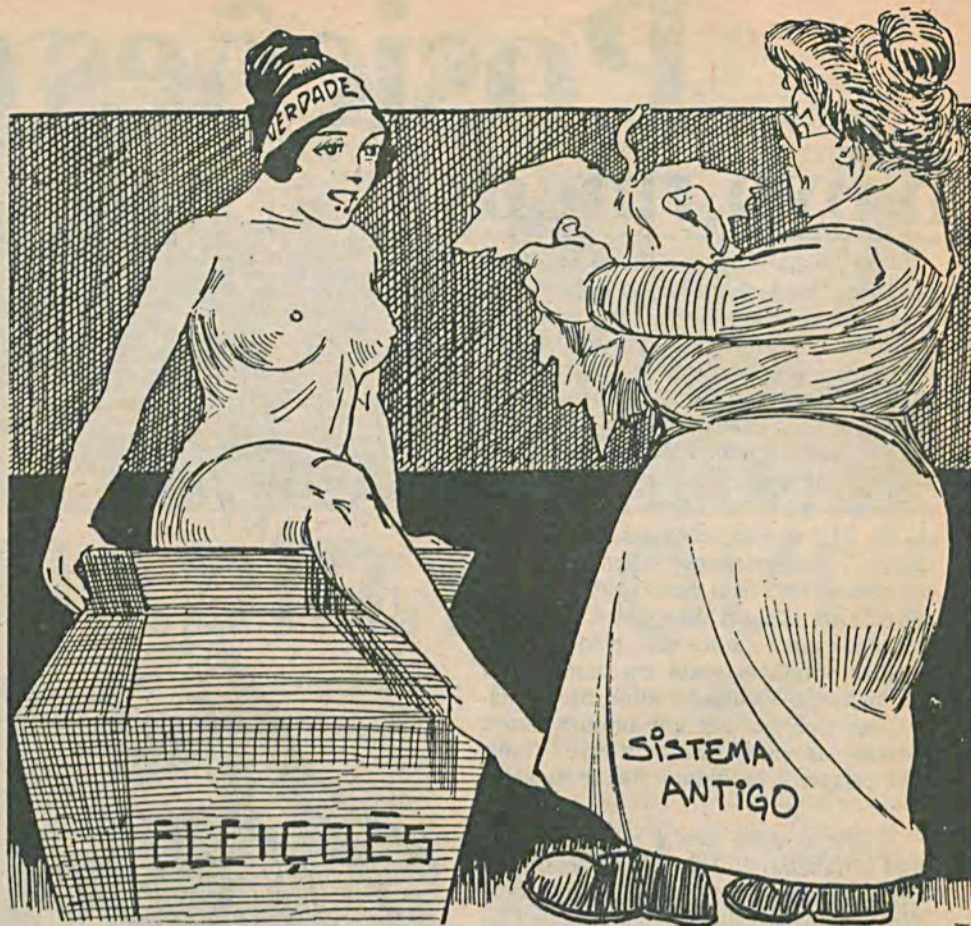
DEFINIR GRANDES LINHAS

Em geral, os entrevistados acham que o C. Univ. deveria ter uma função menos burocrática e mais estratégica (diríamos). "O Conselho, diz Queiroz, deveria pensar nos objetivos amplos da PUC, na sua política interna e externa, formas de interferir em toda a sociedade. Na parte burocrática ele é ótimo mas falha no fundamental, que é a definição de política educacional da PUC". Marcos concorda e acrescenta que o C. Univ. deveria ser mais criativo pois "lá só falamos o que todo mundo já comentou e discutiu. Só para ter uma idéia, sobre esse estatuto que vem por aí, não se parou para comentar nada. Creio que esta situação vem de uma falta de definição da função dos vários Conselhos e órgãos dentro da PUC".

"REPRESENTANTES" OU REPRESENTANTES?

Os representantes docentes não são eleitos pelos colegas mas pela Congregação de Centro, órgão inoperante na maioria das vezes. Esta falta de contato com as bases, no sentido de consulta e cobrança entre bases e representante é em parte responsável pela falta de dinâmica das reuniões: "se o representante falar em nome próprio, ninguém fica sabendo", lembra Queiroz. Marcos sugere que seja feita eleição direta e que a Congregação de Centro aceite o resultado. tal como aconteceu na eleição para Reitor.

Sistema semelhante elegeu o representante dos funcionários, Milton de Mi-



randa. Pelo estatuto, ele seria indicado pelo próprio C. Univ. Contudo ele foi eleito pelos colegas da APROPUC e o Conselho confirmou. Contudo, a representação para Miranda é problemática. "Eu imaginava poder levar as necessidades dos colegas para o órgão máximo mas não tive oportunidade. Minha participação se restringe a dar parecer acerca dos aspectos administrativos, de medidas acadêmicas, mas faço isso por força de minha função de contador, senão não teria o que dizer. Nunca puseram obstáculos à minha participação mas por um problema de formação fico meio tolhido diante da hierarquia. Mas não deixo passar, dou um jeito de meter a colher, ponho uma pedrinha no sapato". Este tipo de problema é também percebido por Sílvia Pimentel: "a participação do funcionário pode ser sem interesse para ele, porque nosso saber ainda está em poucas mãos. Antes é preciso perguntar o que foi feito pela PUC em prol da sua parcela oprimida que aqui vive. Falta uma educação de base aqui dentro".

Quanto à outra parcela oprimida (?) do C. Univ., os alunos, sua presença é também valorizada: "Suas participações, diz Ana, nas vezes em que apareceram, foram boas porque davam outro ângulo da questão. Infelizmente eles só aparecem quando há algum assunto do estrito interesse estudantil, o que é um limite porque eles são membros da comunidade como um todo". Sílvia Pimentel completa: "A gente percebe que o elã de muitos profes-

sores dura 2, 3 anos e com o tempo vai caindo. A presença do estudante ajuda a romper com essa tendência à burocratização, porque ele sabe que vai ficar na Universidade por pouco tempo e então se dedica mesmo".

Com a palavra, o oprimido. Ricardo, do DCE, explica como as atuais lideranças entendem a presença discente no C. Univ. Ele denuncia a proporção minoritária da representação de estudantes e mais ainda a dos funcionários. O DCE encaminhou uma proposta para reforma dos estatutos em que a representação é de 1/3 para cada setor, além da Reitoria. "Esta luta, diz Ricardo, por 1/3 é antiga na UNE e provocou muitas lutas e manifestações na década de 60. O Aldo Arantes poderia contar essa história. Reconheço que na PUC as representações discentes foram abandonadas pelas entidades estudantis que nunca fizeram eleições para os colegiados e sequer os conhecemos. Pretendemos participar de todos os canais possíveis, mesmo limitados, como forma de conquistar uma verdadeira democracia universitária. No fim do ano encaminharemos um processo mais amplo de escolha dos representantes discentes".

Quanto aos representantes da comunidade, o único que aparece é o Dr. Seabra, dos empresários, que é muito participante porque tem um vínculo afetivo com a PUC, mas isso, é reconhecido como mero acaso.

Você gostaria de aprender uma nova língua, conviver com uma família estrangeira e conhecer uma cultura diferente?



Então vá até o EXPERIMENTO, uma Organização sem fins lucrativos que planeja viagens de intercâmbio cultural para Londres, Bournemouth, Paris, München ...



Ratzenried, Firenze, New York, San Francisco, Los Angeles, Superior, Vermont, Hawaii, Florida, para o Nordeste ou Sul do Brasil ou para um curso de extensão universitária no México na área de psicomotricidade ...



VIAJE!
MORE!
APRENDA!



R. BARÃO DE CAPANEMA, 220
tel. 853-5497 e 280-6071

Crise financeira

Solução à vista?

Vamos dar uma visão geral da situação financeira da PUC neste momento. No final do 1º semestre houve reuniões do Conselho Superior de Administração da Fundação São Bento o qual dá pareceres acerca das contas da Universidade. Dele fazem parte D. Paulo, os presidentes das Associações e conselheiros especialmente convidados. A partir destas reuniões chegou-se a um consenso acerca do estabelecimento de normas para o próximo orçamento com vistas ao estabelecimento do equilíbrio das finanças. Estabeleceu-se que os Departamentos farão a programação de despesas em função da receita advinda das anuidades dos alunos que têm. Assim, 25% da receita irá para a administração geral e 75% será empregado na despesa direta da unidade. A partir daí as unidades saberão exatamente sua capacidade financeira e poderão projetar seu orçamento. O Prof. Caropreso explica que esta é uma segunda tentativa de adequar orçamento e necessidade acadêmicas: este ano os funcionários irão aos Departamentos para ajudá-los a fazer os cálculos.

Quanto ao déficit, que em 79 foi de 43 milhões e em 80 estava previsto em 109 milhões, foi possível reduzi-lo em pelo menos 30% por uma economia contínua. Prof. Caropreso acrescenta que embora ninguém tenha sido despedido, os cargos que vagaram não foram preenchidos mas os setores se remanejaram para suprir a falta. As verbas que chegaram foram da ordem de 7 milhões, tirados de um fundo extraordinário do MEC. A verba semestral de 40 milhões prometida não tem previsão.

Houve boatos de que os salários atrasariam em novembro. Prof. Caropreso esclarece que com a matrícula semestral em julho houve entradas importantes de recursos e pagamento de atrasados que entram normalmente em dezembro. Por isso, não vai haver atrasos: "a única dificuldade será quanto ao 13º salário mas já estamos prevendo a obtenção desses fundos junto a bancos".

Paul Singer

Qualquer análise precisa partir da realidade da PUC. Eu destaco três pontos:

PRIMEIRO: 80% da receita da PUC provém do pagamento dos alunos

SEGUNDO: A maioria das despesas é feita com pessoal, principalmente professores, uma vez que se trata de uma estrutura de serviços

TERCEIRO: Estamos numa Universidade privada e é preciso reconhecer realisticamente que os subsídios oficiais dificilmente aumentarão na medida das necessidades.

Em termos políticos, a PUC é um espaço livre excepcional no panorama brasileiro. Ela tem mais condições de se auto-governar que qualquer outra Universidade, uma vez que o grau de participação aqui é muito grande; embora comparada com o que pode vir a ser, ainda é uma participação real pequena. Isto verificamos tanto quanto ao plano acadêmico, quanto ao orçamento. Durante a



Paul Singer

greve nacional dos professores fizemos um debate e o prof. Maurício levantou a necessidade de o orçamento refletir o plano acadêmico, o qual deveria ser feito pela comunidade mas que na prática é feito por pouquíssimas pessoas que projetam o orçamento do ano inteiro, burocraticamente portanto (embora eu não entre no mérito da boa ou má execução técnica).

A mudança de estatutos prevê a participação da comunidade, dentro de um modelo auto-gestionário. Só que não acredito que seja necessário esperar que ele seja aprovado e nem que precise ser implantado de uma só vez: é possível fazer-se a transição de um modelo autoritário dando já passos significativos para maior participação. Em concreto proponho a negociação interna. Na prática somos responsáveis pelo déficit: os alunos limitam as receitas enquanto querem pagar o mínimo possível e os professores enquanto apresentam reivindicações que aumentam as despesas. Cria-se uma unidade artificial em torno da necessidade de verbas porque elas realmente não aumentaram. Entendo que participar é assumir as responsabilidades e as partes negociarem entre si porque há conflito de interesses, que não são irreconciliáveis.

A qualidade de ensino na PUC tem relação com o que os alunos pagam. Para combater o déficit já se tomaram medidas de economia de cuja decisão a comunidade não participou: houve aumento de alunos por sala, as bolsas de pesquisa não foram distribuídas no 2º semestre e isso tudo prejudica a qualidade do ensino. A barganha entre professores e alunos consistiria em saber até que ponto na prática o pagamento dos alunos é causa do nível de ensino. Mas isso deve ter como condição a participação de todos que assim, passam a tomar consciência do que suas posições implicam.

Fiz a proposta de 1 primeiro passo: montar uma comissão com representantes eleitos de professores, alunos, funcionários que preparem o projeto de orçamento para o ano que vem. A APROPUC já encampou a proposta e vai levá-la ao Conselho Comunitário. Com isso se criaria um espaço de negociação, discussão e barganha. A comissão veria os planos acadêmicos e discutiria seus custos; os interesses viriam à tona. No debate, um aluno - o Agamenon - fez

uma sugestão que acho correta: ver uma forma de distribuir melhor as taxas porque tem gente que pode pagar e tem gente sufocada.

Concluo que a visão parcial por setores é insustentável. Não estou por dentro do que se pode fazer mas acredito na negociação, sabendo que as limitações nas decisões decorrem dos interesses das 3 partes que acabam se unindo no interesse maior por uma Universidade autônoma.

Vejo a nossa autonomia condicionada por um estatuto muito autoritário. No momento, o central é que a partir da Reitoria e de outras chefias se abre mão desses poderes autoritários. O Cardeal também abriu mão e seria necessário consolidar o espaço aberto a nível da legislação universitária.

Enfim, é preciso evitar deixar a bomba na mão da Reitoria, para ela se virar. A minha proposta de uma comissão em outra Universidade seria besteira porque elas são autoritárias e nesse caso cada um deve puxar para seu lado. Mas a PUC no momento é diferente e demanda estratégias novas. Além disso, não creio que este passo novo venha a prejudicar lutas mais amplas como a exigência de mais verbas.

Paulo Rezende

Na Fac. Ci. Sociais os professores fizeram uma análise da crise da PUC. Vimos que além da crise do ensino privado no Brasil, a PUC tem um agravante que ao mesmo tempo é motivo de elogios: ela pretende articular ensino e pesquisa. Ora, tal articulação só pode dar prejuízo. Apesar de ser antiga, a crise da PUC se exacerbou na gestão atual devido ao motivo mencionado.

O que percebemos como novo neste quadro é a chamada a alunos, professores e funcionários à participação. Contudo, ao lado da participação, há também uma estrutura autocrática. Assim, quando somos chamados a participar nesse contexto, só o fazemos de modo cooptado. Mesmo admitindo que temos na Reitoria agentes democráticos, a agência é autoritária, porque a comunidade não tem nenhum tipo de controle e informação sobre o que entra e o que sai da Universidade. Para nós, um balanço é um composto de dados resultante de um processo: não temos como afir-

mar ou negar os resultados. Só que a administração não se faz com máquina calculadora: ela tem que ser acadêmica, a partir de alguns objetivos básicos da área acadêmica é que se montaria esta administração. O que seriam esses objetivos acadêmicos? Creio que seria a preocupação com o conhecimento da realidade brasileira.

Por outro lado, a estrutura tal como aparece nos estatutos da PUC é construída de cima para baixo. Assim, os assalariados participam pura e simplesmente, sem exigências, o que os caracteriza como assalariados. É claro que não se trata de cruzar os braços e esperar que o patrão se dane: queremos dar uma participação eficaz, discutindo os estatutos, aumentando a democracia aqui. Na Faculdade nós insistimos que aqui existem agentes democráticos como a Reitoria. Mas é preciso que a agência, a estrutura, seja democrática pois não é impossível que com o tempo se tenham agentes autoritários, como já se teve: naquele momento a agência também era autoritária.

Nossas exigências como assalariados vão na direção da consolidação das condições do trabalho, tanto para nosso ganha-pão como para maior qualidade do ensino e a da pesquisa que leve a inserção da Universidade na sociedade a nível do que lhe é específico: a produção científica. Uma das formas de ir à periferia é produzir o conhecimento crítico de uma realidade que a gera e isso exige que se vá a campo. Há outras formas de ir à periferia, como partido político, como Igreja: a Universidade vai enquanto agência produtora de conhecimento científico.

A saída para a crise não é exigir para já a Universidade ideal mas aquela que é possível, dotada de estatutos e regimentos mais democráticos. Como garantia de êxito nessa empreitada temos o comportamento amadurecido na eleição para Reitor. Nesta primeira experiência, aceitamos as condições dadas, sem idealizar utopicamente uma eleição que talvez tenhamos no futuro. Esta é a forma de participação representativa o que pode gerar uma co-responsabilidade. Se eu participo atomizada, apenas em sala de aula, não assumo responsabilidade diante da crise. Assim, se só for esperado que nos encerremos nas aulas, na hora que a coisa der prejuízo, não nos venham falar em socializar as perdas. Mas, se fomos chamados a sair de sala para discutir juntos o que devemos ser a Universidade, aí seremos representativos, sem diluir responsabilidades.



Luis Ed. Wanderley

IDÉIAS CONCRETAS

Algumas idéias para reforçar a captação de recursos pela PUCSP na Sociedade Civil.

VISÃO DA UNIVERSIDADE

Em que pese os fatos de uma crescente clientela, proveniente principalmente dos setores chamados de classe média da nossa Sociedade, procurar os bancos universitários em busca de títulos e prestígio social, e do ensino ser considerado por vários segmentos da população como mais uma mercadoria a ser consumida - o que se prova com o relativo sucesso das "escolas comerciais" -, uma Universidade diferente e com boa imagem pode favorecer a sua procura fundada em outros valores. Dentre eles, podemos citar: nível do ensino, capacitação do corpo docente, relação teoria e prática, abertura da Reitoria, relações democráticas entre professores, alunos e funcionários, corpo discente ativo e participante etc.

Nesta linha, sem dúvida, a visão da PUCSP melhorou sensivelmente, o que é testemunhado por observações feitas por estudantes e professores de outras instituições acadêmicas, de fora e de dentro de nosso Estado, por profissionais e por lideranças sociais e políticas representativas das áreas mais diversas. Um exemplo estimulante a ser apontado foi o último processo eleitoral de indicação de nomes para a escolha do Reitor, que vem alcançando repercussão nacional.

Um primeiro ponto que deve ser analisado aqui é em que sentido e sob que condições a visão da universidade mudou. Nossa primeira hipótese vai no sentido de afirmar que ela vem ganhando consistência e legitimidade nos setores mais expressivos da Sociedade local e brasileira, que defendem o processo de democratização, e nos núcleos e lideranças dos grupos e movimentos populares, que percebem a sua nova orientação e apoiam os trabalhos e serviços prestados à comunidade popular. É claro que esta visão encontra resistências internas e externas, variando desde o saudosismo da Universidade como uma pequena família de esforços pioneiros (cujo mérito ninguém nega), do "campus" onde quase todos se conheciam pessoalmente, da estrutura onde os trâmites burocráticos se encaminhavam sem o peso da grande escala, até as discordâncias quanto ao conteúdo da reforma universitária, as formas de ensino e as tomadas de posição políticas nas relações de poder internas e nos questionamentos externos sobre a sociedade inclusiva. A importância deste tópico se reflete no próprio encaminhamento das propostas que desejam contribuir para solucionar a situação da PUCSP: de tipo de sustentação, mudar, ampliar que tipo de Universidade, em qual direção, com que objetivos, empregando que modalidades de meios e assim por diante.

Tudo faz crer - é a nossa segunda hipótese - que o sentido de uma autêntica Universidade popular está sendo gestado e virá a ganhar mais adeptos no interior da comunidade universitária, o que nos conduz a uma reflexão sobre os Estatutos que a regem, processo que já vem sendo realizado. Mas não basta o balizamento dos Estatutos. Penso que as práticas em andamento nos projetos e trabalhos efetivamente populares darão os parâmetros válidos para as modificações desejadas e para uma Universidade realmente autônoma. Por outro lado, não se pode alimentar ilusões, o conjunto da Universidade em seu todo, por um certo tempo, ainda terá de se enquadrar com as determinações postas pelos órgãos responsáveis pelo ensino no País. E mais, a imensa maioria dos pais de alunos e dos ex-alunos da Universidade provavelmente ainda te-



ção dela uma visão calcada em sua antiga realidade. Portanto, qualquer trabalho que abarque o conjunto, deverá considerar esta realidade e ser o mais realista possível. No fundo se faz indispensável tomar opções: a) ou privilegiar a tendência popular, buscando fórmulas criativas e imaginativas que abram os muros do "campus", possibilitem cursos e treinamentos aos setores populares em seus locais de trabalho e/ou moradia, reestruturem os mecanismos acadêmicos já existentes para a sua efetiva democratização social etc; b) ou enfatizar a tendência "clássica" de Universidade tal como é conhecida, com algumas modificações possíveis na estrutura administrativa e curricular, nas atividades normais dos agentes universitários, nos mecanismos de decisão etc., que a agilizem e elevem o seu nível em geral; c) ou buscar um equilíbrio entre as tendências anteriores, mantendo-se algumas coisas da dinâmica atual, e fortalecendo elementos que contribuam na linha da tendência popular. Ressalve-se que em qualquer delas, é imperioso harmonizar a cultura universal válida com as necessidades culturais da Nação.

Com relação a este tópico, uma conclusão a ser tirada envolve a seguinte questão: dependendo da visão escolhida, as fontes possíveis de recursos variarão. Por conseguinte, por um lado não se podem ignorar os mecanismos capitalistas de obtenção de fundos e de sua aplicação, bem como por outro lado convém estudar as novas modalidades de cooperação e auto-sustentação que algumas experiências vêm concretizando em diferentes regiões. Assim sendo, os projetos e atividades propostas que vierem a ser criados deverão discriminar o leque de fontes em função deste amplo espectro.

SITUAÇÃO EDUCACIONAL DO PAÍS

É dispensável citar nesta proposta as análises que muitos estudiosos do campo educacional têm elaborado, mostrando as finalidades explícitas e implícitas constantes nos Planos educacionais existentes, e as dificuldades crescentes na execução dos mesmos. São conhecidas também as razões e as críticas aplica-

das às políticas de emprego de verbas para a educação. O que gostaríamos de sublinhar, na presente conjuntura, é que as soluções para este campo específico estão em correlação direta com a situação econômica. Parece evidente, também, que atravessamos uma acentuação da crise na esfera da economia nacional, havendo poucos motivos para acreditar que a política governamental, ressalvadas as boas intenções de alguns, venha dar prioridades na alocação de recursos para a educação. Há inclusive todo um estímulo manifesto para a criação de um clima favorável à privatização do ensino, nos setores dominantes.

Se considerarmos a dependência histórica e estrutural, de nossas instituições de ensino ao Estado, tanto no campo normativo quanto na resolução de parte ponderável dos problemas financeiros, e em contraposição, o fortalecimento concreto da Sociedade Civil brasileira nestes últimos anos, julgamos conveniente que um dos pontos fundamentais de nossa reflexão e consequente ação deve ter por base o equacionamento deste problema. Em outros termos, se por uma parte é legítima a aspiração de um ensino público e gratuito para todos - o que é uma probabilidade concreta mas de difícil conquista a médio prazo -, por outra parte é legítimo também considerar que setores da Sociedade Civil devam ser responsabilizar em ajudar o ensino privado que lhes convém. Traduzindo em outras palavras, se a reivindicação de maiores verbas para a educação continua sendo uma bandeira válida, parece-nos que não só ela não virá ao montante desejado, como tardará a ser liberada. E na hipótese de que venha, há que se atentar para o fato inescapável de que essas verbas serão alocadas igualmente para todos os solicitantes privados, o que contribuirá lastimavelmente para colocar no mesmo denominador comum o joio e o trigo. É claro que medidas preventivas e de controle podem ser tomadas pelo Estado para avaliar o desempenho das instituições educativas capazes ou não, mas tendo por base a experiência do poder da burocracia e das pressões cristalizadas de grupos nas

várias instâncias administrativas, é fácil supor que esta seleção será bastante dificultada. Resta, então, a opção de apelar para a Sociedade Civil.

APELO A SOCIEDADE CIVIL

As pessoas que conhecem as estruturas e os sistemas de ensino em certos países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos sabem que há uma larga tradição no intuito de uma ligação íntima entre as instituições educacionais e a Sociedade Civil. De ambos os lados. Da parte das instituições, há departamentos oficiais com a preocupação principal ou exclusiva de arranjar fundos. Da parte de setores da Sociedade Civil, há a existência dos beneméritos que colaboram através de bolsas, doações de patrimônio e outros meios. No caso brasileiro, de forma esporádica, houve sempre algumas iniciativas nesta direção, mas de pequena monta. Devemos pensar em algo firme que eleve o seu porte a uma escala significativa.

Desde logo, é preciso enfatizar que não existe em nossa perspectiva de análise nenhuma ilusão ou falsa expectativa de que este apelo venha, a curto prazo, solucionar a situação financeira. São conhecidas as tentativas feitas no passado e que deram pouco ou nenhum resultado efetivo. Nossa proposta tem apenas as seguintes finalidades:

- criar uma consciência progressiva de sensibilização da Sociedade Civil para os problemas da Universidade;
- ter alternativas concretas de obtenção de fundos, nos planos internos e externo;
- obter recursos que teriam destinação programada segundo prioridades (pesquisa, serviços à comunidade etc.);
- mobilizar a comunidade universitária para a necessidade de auto-sustento, inclusive fazendo sacrifícios...
- sensibilizar e aglutinar ex-alunos para uma ligação mais estreita com a Universidade.

Sabemos também, que, dependendo das modalidades assumidas por esta colaboração, surgirão pressões de outra ordem provenientes de grupos privados. Há que se estar preparado para enfrentá-las, saber dos seus riscos e manter a autonomia desejada.

A QUEM APELAR

Numa primeira aproximação, distinguiremos três tipos de fontes:

- Ex-alunos - se 10% ou 5% do total deles fossem motivados a colaborar permanentemente (ver sugestões em seguida), teríamos dado um passo efetivo;
- Instituições nacionais e estrangeiras - são conhecidas as possibilidades de apoio que instituições públicas e privadas, de cunho acadêmico, social e financeiro realizam, podendo ser acionadas de forma sistemática e organizada. Aqui haveria

ATENÇÃO

A Editora Autores Associados, em co-edição com a Cortez Editora, acaba de lançar a 5ª edição, refundida e atualizada, do livro de minha autoria, Metodologia do Trabalho Científico.

Considero não-autorizada a 5ª edição, lançada por outra editora, calcada no texto da 4ª edição, sendo, portanto, objeto da competente ação judicial.

A.J. Severino

que se estar alerta para as resistências que algumas dessas instituições oferecem para ajudar as universidades, motivadas pelos desperdícios de toda ordem que inúmeras universidades efetuaram e efetuam.

3) Pessoas bem aquinhoadas - haveria que se pensar num processo de aproximação e de conquista que salientasse o valor de tal tipo de ajuda.

Em todos esses casos, não se pode esquecer de que vivemos numa sociedade altamente competitiva. Deste modo, toda a ajuda recebida deve ter uma retribuição adequada ao donante, sob formas as mais variadas a serem estudadas: cursos, programas culturais, visitas, homenagens etc.

PROCEDIMENTOS

Inicialmente, queremos registrar que as idéias aqui expostas não têm nada de extraordinário e já alcançam um certo consenso. Além disso, necessitam perfeita sintonia com todas as medidas que os distintos setores da Universidade já vêm elaborando, com muito afinco, nestes últimos anos. Elas envolvem tanto a reestruturação em andamento quanto as medidas administrativas já tomadas pela atual gestão na Reitoria. A nossa proposta dirige-se fundamentalmente do "campus" para fora e as possíveis ligações das esferas externa e interna.

1) As sugestões hora encaminhadas exigem uma reflexão mais acurada, conduzindo à necessidade de que um número bem maior de membros da comunidade universitária se envolvam com interesse e responsabilidades definidas. Assim, pensamos que uma Comissão devam ser nomeadas, apresentando um programa de trabalho a ser desenvolvido em prazos estabelecidos.

2) A primeira idéia se expressa num levantamento da situação da Universidade, que demonstre a sua evolução quantitativa e qualitativa, utilizando obviamente todos os levantamentos já existentes. Convém destacar principalmente a parte qualitativa, produção de programas e teses, cursos, serviços à comunidade, novas relações sociais entre os membros da comunidade universitária e assim por diante.

3) Este levantamento da situação atual passaria, em seguida, por um sistema de trabalho profissional e não apenas boa vontade. Esta propaganda seria formulada por pessoas pertencentes à Universidade, ou, se necessário, contratadas. Não bastam levantamentos bem feitos, é preciso divulgar uma imagem da Universidade que seja atrativa e isto exige um trabalho profissional e não apenas boa vontade. Esta propaganda seria formulada por pessoas pertencentes à Universidade, ou, se necessário, contratadas.

4) Trabalho com ex-alunos (assumido pela UNIPUC, mas não só):

4.1. Montar um sistema de contribuição financeira permanente (sócios de várias categorias), semestral ou anual.

4.2. Cursos de verão, adaptados para profissionais, de reciclagem e aperfeiçoamento. Alguns poderiam ter um alto nível, (professores de renome internacional etc.), comportando a cobrança das taxas correspondentes.

4.3. Como retribuir a ajuda. Pensar desde coisas mais mezinhas (álbuns, quadros com fotografias etc.), até realizações maiores (exposições culturais de arte, teatro, música, dança etc., shows). Concentrar, talvez, tudo numa Semana da PUC, para maior integração com os corpos do-

cente e discente e funcionários, que aos poucos iria criando tradição na opinião pública.

5) Trabalho com pessoas ricas e instituições financeiras. É indispensável muita persuasão e retribuição adequada.

5.1. Sugeremos dinamizar a proposta já elaborada por algumas pessoas em função dos descontos no imposto de renda.

6) Projetos de Pesquisa e de Serviços. Como é usual em outras universidades, o importante aqui é a preparação de um programa de atividades com continuidade (2 anos é um limite razoável), que envolva equipes de professores e alunos (pode-se pensar também em ex-alunos). Projetos coletivos de interdisciplinares dão maior consistência e permitem ajuda mais substancial em certas fontes. Em outras, é preferível pequenos projetos que alimentem iniciativas a serem criadas ou em execução. O problema neste tópico são os prazos longos de espera que vão da apresentação dos projetos até a sua aceitação, e as flutuações nas políticas das instituições financiadoras nacionais, que podem cortar um trabalho iniciado, com as implicações evidentes. Pensar em fundos que possam ser investidos e em atividades auto-sustentadas, garantindo uma autonomia mínima.

7) Ajuda no Exterior. Esta ajuda tem sido generosa em vários setores e bastante difusa. Há que se considerar nela também o risco das flutuações originadas pelas diferentes políticas das agências financiadoras e a imagem negativa que elas possuem sobre as universidades, e algumas, sobre universidades católicas em particular. Aqui é importantíssima a questão das relações

públicas, que se fazem através de pessoas conhecidas ou de grupos, participação em seminários e simpósios, renome em publicações especializadas etc. Esta Comissão deve conhecer muito bem o contexto internacional e estudar o que fazer a partir das distintas pontencialidades, variáveis de País a País e de agência a agência.

A questão da imagem da Universidade é fundamental. Usar o levantamento da situação proposta, divulgá-lo o mais possível, e preparar um Plano de médio e longo prazos, que possa ser conhecido e discutido com os responsáveis em múltiplas agências, contando com projetos pequenos e outros maiores.

8) Campanha da Comunidade Universitária. A curto prazo, talvez ainda neste semestre, motivar toda a Comunidade para uma Campanha organizada de obtenção de fundos, utilizando meios tradicionais (rifas, carnês, etc.) e outros criativos e imaginativos (cartazes, shows etc.).

9) Recursos de setores populares. Parece um paradoxo pensar nisso. Mas, apesar do ineditismo, é um setor a ser incluído. Já existem iniciativas estimulantes, por exemplo, associações profissionais (sindicatos) que contratam serviços de assessoria. Não é impossível imaginar que elas possam vir a solicitar esses serviços da Universidade. O mais difícil neste sentido vem das próprias características da Universidade, já que atividades com área popular exigirão talvez o emprego de "meios pobres" para os quais a maioria de seus membros não está preparada.

Casemiro

"A vida X a lei"

PORANDUBAS A partir de que começou a revisão dos estatutos?

CASEMIRO—Desde a primeira comunicação da Reitoria, em 76, afirmamos que esperávamos que professores, alunos e funcionários participassem do processo de decisão. Este foi o objetivo de nossa gestão. Foram tomadas medidas para ampliar na PUC os espaços democráticos: foram tiradas as barreiras para contatos de Associações ou indivíduos com a Reitoria, além de serem incentivadas as entidades representativas. Tanto assim, que sócios fundadores da Apropuc foram para a Reitoria. Com relação à sociedade, também houve abertura, através da participação em todos os Conselhos, Seminários do MEC e de Órgãos Oficiais, além de se ampliar a presença de docentes e estudantes na periferia de São Paulo. Também as instalações da PUC foram utilizadas em Congressos, pela SBPC.

Desta ampla participação resultou a percepção maior do autoritarismo dos estatutos: o poder estava muito concentrado sobre poucas pessoas. Desta percepção haveria dois caminhos: ou nomear comissões para rever os estatutos ou então ampliar o espaço para a prática democrática e a partir desta experiência, rever os estatutos. É muito significativo o fato de que independentemente das normas existentes foi possível democratizar as relações sociais aqui dentro.

O problema da falta de democracia na sociedade não é causado pelas leis mas porque falta uma prática democrática, do que decorre o fato de ninguém pensar em desobedecer a leis autoritárias, apesar de haver reclamações.

O fato de o Cardeal ter aberto mão do privilégio de escolher o Reitor coincidiu com a possibilidade de rever os estatutos

a partir da prática. Neste sentido, não é prioritária a reforma dos estatutos mas o desenvolvimento de práticas que depois se consubstanciem de forma democrática: se o processo é democrático, o produto o será também.

PORANDUBAS Então, como ficou o processo de revisão?

CASEMIRO—Bem, houve ampla consulta. Foram apresentados doze projetos vindos das Associações, Departamentos, indivíduos. O Cons. Universitário constituiu uma comissão que sistematizaria todas as contribuições no PROJETO 2, que está em andamento. O prazo para este trabalho era 15 de agosto, para que o Cons. Univ. tivesse tempo de aprová-lo ainda este ano. Contudo, a eleição nos mostrou que o mais importante era normalizar a experiência democrática daquele momento do que terminar o trabalho. Mas ainda contamos que o PROJETO 2 esteja

pronto ainda em 1980. Desde a elaboração do PROJETO 1 (cf. Porandubas de abril) se percebeu que uma das grandes aspirações da comunidade era a escolha dos dirigentes em todos os níveis.

Neste momento, a Comissão de Estatutos já elaborou três capítulos — ou títulos — acerca dos objetivos gerais da PUC; da estrutura universitária que procura integrar o ensino, a pesquisa e a prestação de serviços a nível oficial; acerca das carreiras (introduzindo o técnico de nível superior para prestação de serviços ao lado da carreira docente e administrativa). No geral, deverá haver muita simplificação pois os estatutos verão os princípios gerais e o regimento interno vai regulamentar a prática.

PORANDUBAS Onde estão os focos de autoritarismo em nossa vivência?

CASEMIRO Creio que o traço maior de autoritarismo está na relação entre aluno e professor em sala. A experiência do Básico, que abriria perspectivas de abertura, mostra que ela apenas se inicia. Creio que da sala de aula tudo decerre, até para o setor dos funcionários. Resta ter paciência histórica, desenvolver um clima de diálogo perma-

nente apesar das divergências de visão de mundo. É preciso acreditar que o ser humano está destinado a ser igual mesmo.

O autoritarismo nos estatutos precisa ser entendido, visto que eles provêm da lei 5540, que é muito genérica. Seu maior obstáculo é a participação de apenas 1/5 de representantes estudantis nos órgãos colegiados. Embora a lei não seja democrática, feita num momento de endurecimento, ela precisou legitimar-se baseada em afirmações democráticas. Pois bem, a nós não interessa a intenção autoritária da lei: é possível fazer a leitura democrática da lei, interpretá-la em seus aspectos democratizantes. Claro que é preciso aproveitar esta abertura para mudar as leis porque quando há fechamento os agentes autocráticos não têm pudor em fazer esta mudança.

Na PUC há possibilidades. As Associações, especialmente de funcionários, têm que ampliar sua presença nos destinos da Universidade. D. Paulo diz que a partir da escolha para Reitor nada impede que todos os cargos sejam sujeitos à escolha.

Severino

Nó centro de educação

Existe uma resolução da Reitoria, de acordo com qual, a precedência de aulas deve ser do docente da carreira e não de docente do quadro em extinção: O Centro de Educação havia decidido equiparar os dois grupos, quanto a esta distribuição de aulas.

Ocorreu que aqui no Centro houve uma distribuição de aulas em que uma candidata era mestra e a outra era do quadro em extinção: as aulas foram atribuídas a esta devido a sua maior experiência. A mestra recorreu e teve ganho de causa porque a Reitoria exigiu a aplicação do estatuto e da Resolução. Neste caso, a rigidez estatutária

prejudicou o ensino e a Congregação do Centro de Educação pediu ao Conselho Universitário que revise a situação do quadro em extinção.

Compõem o quadro em extinção professores antigos que não têm a titulação. Contudo, o Centro de Educação considera que devam ser levados em conta também critérios pedagógicos, a seu ver mais importantes nesta fase de transição do que os critérios de titulação. Crê ter havido aí uma injustiça para com pessoas que estão na PUC desde sua fundação, impedidas de aumentar aulas, de prestar concursos, de pleitear cargos acadêmicos, etc.

SARAIVA DE PORTAS ABERTAS

Na PUC estamos no PRÉDIO NOVO - entrada principal e 1º andar, onde você pode entrar e examinar a obra que quiser. Livros universitários, jurídicos, técnicos, romances. Compre o que quiser pelo exclusivo Sistema-Conta-Corrente, sem acréscimo, também em qualquer uma de nossas lojas. Estamos de portas abertas. Entre.

LIVRARIA E PAPELARIA

SARAIVA

Rua José Bonifácio, 203 - Fone: 32-5101
Rua São Bento, 196 - Fone: 35-1485
Praça da Sé, 423 - Fone: 32-7841

Deixemos de lado os entretantos e vamos
direto aos finais: O Bem Amado
está de volta ao seu horário habitual.



Odorico Paraguassu, Zeca Diabo, Dirceu Borboleta, personagens criados por Dias Gomes que tanto sucesso fazem no Brasil e no exterior, estão de novo em seu horário normal.

TODA TERÇA • 10:10 DA NOITE

OBEM
amado
Séries Brasileiras Ano II



INVASAO

Dia 22 de setembro fez 3 anos que a PUC foi invadida. A Reitoria, a APROPUC e o DCE fizeram manifestações. O documento da Reitoria lembra aos 12 mil alunos que não viveram aqueles fatos o significado daquela noite trágica e vergonhosa, não para se sentir vítima nem como uma forma de revanche, mas para reafirmar seu compromisso com a criação de uma nova ordem social e política que exclua a arbitrariedade. Ao mesmo tempo manifesta satisfação pelo ganho de causa na Justiça conseguido pelas 4 jovens queimadas na invasão, o que significa também "uma conquista de todos. Somos solidários com eles".

A APROPUC também lançou documento dirigido "Aos alunos da PUC que não viveram o 22/9/1977". Refere-se à invasão, "um dos mais violentos tentados terroristas já sofridos pela Universidade brasileira". Para que tais fatos não se repitam é que são lembrados. O documento lembra que as mãos que incendiam bancas, seviciam personalidades comprometidas com as causas populares, são as mesmas que há 3 anos agrediram nossos colegas. Só a nossa organização é capaz de evitar novas invasões.

Representantes do DCE passaram no dia 22 em todas as salas lembrando o significado da data e à noite fizeram um ato público na rampa.

REITORIA

Através de Resoluções; fixas normas sobre alterações curriculares definindo as que são substanciais das que não o são e submetendo suas propostas aos devidos órgãos; cria a Unidade Central de Documentação e Informação Científica que dinamizará o processo de informação científica — o CEDIC tem 2 anos para propor à aprovação da Reitoria um projeto de organização interna e normas de funcionamento, preparando a criação do Depto. de Informática. Deliberou ainda a fixação do quadro de cargos de carreira do magistério, anexando quadro de vagas para todos os Departamentos.

CORRESPONDÊNCIA

1 — PARA NADIR KFOURI: A Reitoria eleita pela PUC recebeu inúmeras cartas e telegramas de amigos, professores, ex-alunos, artistas, colaboradores. Dentre as entidades e autoridades citam-se as Associações de Docentes (APOPUC, ADUNISINOS, ADUNIMEP, Ass. Prof. Juiz de Fora), as Universidades (Federal do Paraná e Federal da Paraíba), Escolas Superiores (Odontologia do R.G.S. e Serviço Social de Campinas e Londrina), setores da PUC (Creche e Fac. Comunicação e Filosofia), Deputados (Ulysses Guimarães, Fernando Moraes, Cunha Bueno, Luiz Carlos Santos, Mario Stamm), RENOV, CEDEC, CAPES, CRAS Fundação Anchieta, além de livreiros (Cortez e Saraiva).

2 — Receberam PORANDUBAS: U.F. Pará; U.F.R.G. Norte; U. Católica de Goiás; U. Católica de Petrópolis; U.F. Mato Grosso; Entidades de Apoio à Luta Indígena.

MINI-BIBLIOTECAS

1 — O Centro de Educação oferece um Serviço de Apoio Didático Pedagógico que dispõe de material bibliográfico, revistas, informações sobre pesquisas e cursos. O 1º Boletim publica a lista de numerosas editoras com respectivas linhas editoriais. O Serviço também faz assinaturas para os interessados. Procurar através do ramal 259.

2 — O IEE coloca à disposição dos interessados as publicações que o setor

CURTAS

recebe de todos os países da América Latina. Procurar ramal 343.

EXPOSIÇÕES NA BIBLIOTECA CENTRAL

1 — De 29/9 a 3/10 foi feita exposição de 105 painéis fotográficos sobre Hiroxima e Nagasaki. A promoção foi do CACS (força maior da Sandra Basílio).

Com esta exposição foi necessário ampliar o local já existente que passa a dispor de 4 paredes apropriadas; no salão de estudo em grupo da Bibl. Central. Desta forma é possível acolher grandes exposições.

2 — De 20 de outubro a 5 de novembro teremos 2 exposições: do artista plástico ELIAS ARLINDO PEREIRA e outra exposição de 85 painéis fotográficos sobre os Bóias-Frias do Paraná.

3 — De 5 a 20 de novembro, fotos e

CAMPUS PARANAGUA

PORANDUBAS conta agora naquele campus com uma correspondência, a Paola Patassini: qualquer notícia é só procurar por ela. Paola informa que:

1 — Os alunos do Centro participaram ativamente do Simpósio Interamericano sobre o Desenvolvimento de Fontes Alternativas de Energia realizado de 2 a 9 de setembro.

2 — Na Univ. Mackenzie, de 25 a 29/8 realizou-se o 1º Simpósio de Física sendo que no dia 26 a Profª Ester Spaggiari, Chefe do Depto. Física da PUC presidiu a mesa e participou com o tema "Física do Plasma".

APROPUC

1 — A Associação dos Professores anuncia que haverá eleições para a Diretoria dias 11 e 13 de novembro. A eleição será por chapas compostas por

AFAPUC

1 — A mudança da Diretoria será feita apenas em março/81 pois pelos estatutos a 1ª Diretoria permanece por 2 anos e 3 meses. Em outubro haverá Assembleia para aprovação de regimento para a formação de chapas.

2 — Grupo de teatro: está se formando um grupo de funcionários. Interessados procurem o Eder na Papelaria da PUC.

3 — Dia 20/9 teve início o 4º Campeonato de Futebol de Salão, com homenagem aos "funcionários 30 anos": Rubão, Kobinski, João Sanches, Miranda e Penteados. Espera-se que este campeonato termine pois no anterior 4 times terminaram empatados (e quase em patadas...).

TUCA

— MPB 4 em "Vira Virou" irá até final de outubro.

— Ney Matogrosso se apresentará de 5 a 23 de novembro

— Alceu Valença, de volta com "Coração Bobo", de 27/11 a 7/12.

CURTINHAS

1 — A revista DESIGNOS volta à ativa, em sua edição nº 6. Será lançada em novembro, pelo Cortez, e trará artigos sobre Meios de Comunicação Social e também sobre Literatura. Custará apenas Cr\$ 300,00.

2 — O número de candidatos ao vestibular foi de 25.492, duzentos e poucos candidatos a mais do que ano passado. Marcos Masetto explica que houve uma baixa geral: "só a FUVEST perdeu 8 mil candidatos". Além disso, a UNES fará suas provas no mesmo dia. A PUC é barata mas não é de graça (a UNESP é...).

3 — URGENTE! O Curso de Jornalismo-PUC faz campanha para doação de todo tipo de publicação da pequena imprensa, regional e partidária (exceto os jornais diários). As doações sejam encaminhadas para a sala 51-E de Biblioteca Central.

TESES

1 — Dia 1/9: "KANT E A POSSIBILIDADE DA EDUCAÇÃO. UM ESTUDO SOBRE O CONFRONTO ENTRE MECANISMO E TELEOLOGIA E SUA INFLUENCIA NAS IDEIAS PEDAGOGICAS KANTIANAS". Beatriz Cunalí. Orienta: J.A. Gianotti

2 — Dia 6/9: "LICITAÇÃO". Regis F. Oliveira. Orienta: Celso Ant. B. Mello.

3 — Dia 6/9: "A REVOGAÇÃO DOS ATOS ADMINISTRATIVOS". Walter Campaz. Orienta: Celso Ant. Bandeira de Mello.

4 — Dia 12/9: "ESTUDO DA AQUISIÇÃO EXPERIMENTAL DA CONSERVAÇÃO DE QUANTIDADE DESCONTINUA ATRAVES DE UM PROCEDIMENTO DE TREINO BASEADO EM APRENDIZAGEM CUMULATIVA". Miriam Hoff. Orienta: Sérgio Luna

5 — 15/9: "UM ESTUDO DO CONSTRUCTO CONSIDERAÇÃO POSITIVA INCONDICIONAL EM CARL R. ROGERS". Laurinda Ramalho de Almeida. Orienta: Abigail Mahoney.

6 — Dia 16/9: "UMA ABORDAGEM PSICODRAMATICA EM ORIENTAÇÃO VOCACIONAL". Yveth Cavalcante. Orienta: Wilma Penteados.

7 — Dia 17/9: "DISCRICIONARIDADE ADMINISTRATIVA E CONTROLE JUDICIAL". Luciano F. Leite. Orienta: Celso Ant. B. Mello

8 — Dia 19/9: "ESTRUTURA DO

CONCURSO DE CONTOS PORANDUBAS

"INVENTAR A VIDA"

Imagine como será no dia em que se realizarem as coisas por que você anseia. Invente a vida, as relações humanas, a Universidade, o Brasil. Vire o mundo de pernas pro ar. A Utopia é a melhor forma de denúncia.

Vamos, escreva um conto. Dimensões: entre 100 e 200 linhas datilografadas de 70 toques. Participam todos os nossos leitores, mesmo os fora da PUC. Prêmios em 2 categorias: para estudantes e funcionários e para professores e outros profissionais.

- 1º PREMIO: Cr\$ 5.000,00 em livros
- 2º PREMIO: Cr\$ 4.000,00 em livros
- 3º PREMIO: Cr\$ 3.000,00 em livros
- 4º PREMIO: Cr\$ 2.000,00 em livros
- 5º PREMIO: Cr\$ 1.000,00 em livros

Prêmio Categoria especial (professores e profissionais em geral): Cr\$ 5.000,00 em livros

Patrocínio: Livrarias Manduri, Moraes, Cortez e Editores Associados.

Os contos vencedores serão publicados em nossa edição de Dezembro. Entregue no PORANDUBAS ou no PROTOCOLO até dia 21 de novembro.

poemas de Fernando Zanetti, aluno de Jornalismo da PUC. Interessados procurem no PORANDUBAS, r. 227

DERDIC

1 — Participará da FEIRA DA SOLIDARIEDADE na Grande Marquise do Ibirapuera, dias 7 a 9 de novembro, para a qual esperam-se 300.000 pessoas (conta-se com a turma da PUC para completar o número). A festa irá de 9 às 22 h. e é promoção da COESO (Comissão de Entidades Sociais). A DERDIC já conseguiu 4 milhões para cobrir o seu déficit deste ano; bem que a moda podia pegar para outros setores...

2 — Aberto o Curso de Análise Ocupacional para a área de deficiência auditiva e visual, para formação de analistas. O curso terá duração de 480h.

3 — Lançado Curso de Aperfeiçoamento em Alfabetização para deficientes auditivos. Pretende-se aperfeiçoar pessoal da área. Informações: tel. 70.4329

9 elementos: as inscrições das chapas serão feitas entre os dias 3 e 7 de novembro. Haverá debate sobre a renovação da Diretoria no dia 18 de outubro, sábado às 10 horas na sala 22 do Prédio Velho. A Comissão Eleitoral está formada por Sandra Alves, Maristela André, Maria da Penha, Patrícia Mortara.

2 — A APROPUC endossou moção de seus representantes da Fac. Ci. Sociais repudiando o parecer do prof. Paulo Nathanael sobre o Projeto de Estudos Sociais.

3 — Dia 1º de novembro deverá ser firmado novo acordo trabalhista entre a APROPUC e a Direção da PUC. Do acordo constam itens acerca de contrato por tempo indeterminado, estabilidade contratual durante o ano letivo, remuneração de representantes pela participação nos órgãos colegiados, auxílio-doença, direito a vale, direito a férias, adicional noturno, gratuidade do Pós-Graduação, prazo para pagamento de salários, condições contratuais para exercício da Diretoria.

PODER NUMA ECONOMIA DE SUBSISTÊNCIA — São Paulo de Piratininga: 1560 a 1640". Marly Kopczynski. Orienta: Stefânia Fraga

9 — Dia 29/9: "DIDÁTICA E PSICOLOGIA: CONTRIBUIÇÃO A CRÍTICA DO PSICOLÓGICO EM EDUCAÇÃO". Maria Mercedes Alvite. Orienta: Dermeval Saviani.

10 — Dia 26/9: "UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO MEIO RURAL — ANÁLISE DE DISCURSO DE UM GRUPO DE TRABALHADORES RURAIS SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR" (doutoramento). José Alb. Pedra. Orienta: Leonor Gayotto.

11 — Dia 1/10: "INSERÇÕES DISTAIS DO MÚSCULO SEMIMEMBRANO: CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO ANATOMO-FUNCIONAL DO COMPORTAMENTO MEDIAL DA ARTICULAÇÃO DO JOELHO E SUAS INSTABILIDADES" (doutoramento). Eduardo Vieira. Orienta: Luis Gustavo Wertheimer.

12 — dia 13/10: "MORENO: UM ENFOQUE PARA A COMPREENSAO DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO". Durval Faria. Orienta: Arlete D'Antela.

13 — Dia 16/10, 9.30h: "CONCEITO DE SAUDE ADOTADO PELA POPULAÇÃO DE VARZEA-RN". Francisca de Assis P.Silva. Orienta: Dilséa Bonetti.

14 — Dia 20/10, 15h: "O POEMA-CANTO, GERADO NA DIALETICA: MUSICA POPULAR X LITERARIO". Marilena Montanari. Orienta: Haroldo de Campos.

15 — Dia 23/10, 9h: "O ESTUDO DIRIGIDO: UMA TECNICA DE ENSINO-APRENDIZAGEM". PAULO AFONSO CARUSO RONCA. Orienta: Wilma Penteado.

CAMÕES

Com o patrocínio da Secretaria da Cultura do Estado, a Fac. Comunicação e Filosofia realizou entre os dias 1 a 12 de setembro um Simpósio sobre a Vida e Obra de Camões, como parte das comemorações do 4º Centenário da morte daquele que, no dizer do Prof. Masaud Moisés, "foi quem consolidou a língua portuguesa". A idéia partiu da Profª Beatriz Berrini que entrou em contato com o pessoal da USP, que também assumiu o evento. Houve exposição filatélica, de medalhas. O curso contou com presenças internacionais; Mercedes Lavalle e Alfredo Margarido. Para 1981 pretende-se fazer um Simpósio sobre Fernando Pessoa.

CONGRESSOS, CURSOS, EVENTOS

1 — Dias 1 e 2/10 houve um Ciclo de Debates sobre a Religiosidade Popular; debateu-se sobre A Igreja de Wojtyla e sobre Os Deuses do Povo (alijá, título de 2 livros lançados na ocasião, juntamente com a Revista Religião e Sociedade e A Igreja dos Pobres na AL). Editorad Brasiliense.

2 — Contando com juristas de altíssimo coturno (Fábio Comparato, José Gregori, Mario Simas, Hélio Bicudo, Almir Pazzianotto, Eduardo Seabra Fagundes, Dalmo Dallari, José Carlos Dias, entre outros) e — de quebra — com a presidência de D. Paulo, a UNIPUC e IEE promovem dias 16, 17, 20 e 21 de outubro um curso sobre "A ORDEM JURIDICA E A LIBERDADE". Será na sala 134, às 20 h. Maiores informações pelo telefone 263-0211, ramal 364.

IMPERDÍVEL.

3 — "A CULTURA É A LIBERDADE DO POVO" é um curso necessário para quem pretende ser educador de verdade, para a maioria do povo brasileiro, neste momento da história. Só que são só 30 vagas. O curso começa

dia 18/10 durante 8 sábados. Informações no INDAC, tel 210-3545.

4 — Reunindo Paulo Freire, Frei Betto, Trini Perez, Darcy Passos, Waldemar Rossi, Maria Nilde, Hélio Beltrão — em suma — só gente boa, se realizará de 15 a 19 de outubro o 9º Congresso de Comunicação Social. O tema que reúne as 12 mesas-redondas e outros tantos painéis é "Comunicação e Educação Popular". Informações no Instituto Metodista de São Bernardo, tel 457.3733, setor de Pós-Graduação.

5 — Dia 25/10, Moema Wiazzer (autora de "Se me Deixam Falar") dará um curso de dia inteiro sobre "Experiências de trabalho com Mulheres de AL". Informações: 32.1635 e 32.0958.

6 — TRINI PEREZ é cubana e encarregada do Prêmio Casa de las Américas, que lançará no TUCA, dia 20/10 às 20 h. TODO MUNDO LA;

7 — Dias 28 e 29 o Centro de Ciências Jurídicas fará um seminário sobre Constituição e Crise (Mudança Socioeconômica e política). A noite, no TUCA, Presença de Paul Singer, Montoro, Fernando Henrique Cardoso, e outros.

8 — Dias 17 a 19/10, em Belo Horizonte, haverá o 3º Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social. Na PUC, intensa movimentação. Sobre o encontro da UNE dias 13 a 16/10 em Piracicaba, faremos uma matéria no próximo número.

PICADINHO

1 — CHEFE DE GABINETE: Mª Elci, ex-chefe de gabinete, casou-se dia 20/9 com Ruy Perotti Barbosa e se mudou pro Rio: muita felicidade para vocês. A nova chefe de Gabinete é Mariangela Belfiore, ex-diretora da FAC Serviço Social a que será substituída por Carmelita Yazbe.

2 — A Reitoria e a Faculdade de Direito fizeram dia 13/10 uma sessão de homenagem ao Dr. Bandeira. Na ocasião foi inaugurada uma placa "batizando" o Prédio Novo com o nome daquele que o construiu.

3 — IEE lança o Informativo Popular Latino Americano nº 3. Interessados procurem pelo ramal 343. Também quem quiser marcar uma entrevista com Paulo Freire, combinar com Sônia Barros pelo mesmo ramal.

4 — Sílvia Pimentel, Diretora do Centro de Jurídicas e Econômicas participou em junho de um Congresso em Copenhague, quando se reuniu com fundações européias e americanas dispostas a subvencionar pesquisas sobre a mulher. Quem quiser pesquisar e não tem grana, procure a Sílvia, ramal 221

5 — Quando o C.A. "22 de Agosto" fez 34 anos — isto é, em 1980 — foi inaugurada em sua sede uma placa em homenagem a Carlos Eduardo Pires Fleury, estudante de direito assassinado pela repressão em 12/12/1971. Presentes ex-repressados do CA, familiares, CBA, OAB, entidades.

6 — A "CHAPA 3", atual Diretoria do 22 de Agosto convida para a 1ª Festa da Mortadela, a se realizar dia 24/10 às 21 h. no Salão Beta, com a presença de Antônio Grampão Zé Rodrix. Apoio do Deputado Caio P. de Toledo.

7 — Cursos e Bolsas de Estudo no Exterior: são ao todo 51 cursos, com endereço, formas de inscrição, todas as dicas possíveis. Os assuntos vão desde avicultura, energia alternativa, até educação comunitária. Os diretores da Centros, do Pós e a Reitoria possuem a lista. Podem procurar.

8 — Os painéis de exposição "Nuseu de Rua" sobre a história da PUC situados em 3 partes no sub-solo, térreo, pós (campus Monte Alegre) farão rodízio de local a cada 3 meses. Ano que vem circularão pelos outros "campi".

MORTE E VIDA SEVERINA

1 — Neste momento, esta peça recebe

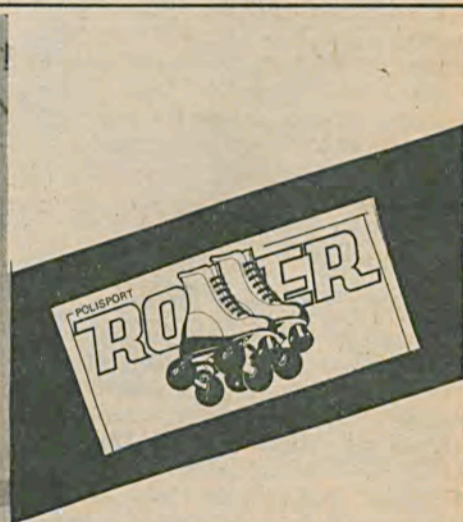
a sua milionésima montagem e a emoção não se desgasta. Nem os problemas terminam. O diretor Tom Santos, do Teatro Aplicado, junto com um elenco popular sofreu violências ao apresentar a peça. Isto ocorreu em julho, durante o Festival de Inverno em Campos do Jordão. Mas agora a peça segue seu caminho, em carreira normal em São Paulo.

2 — Fomos pegos de surpresa dia 5/10 pela notícia do falecimento de Nagib Elchmer — que deu depoimento em nossa última edição — e que na época teve atuação decisiva para que a peça se realizasse, pois estava à frente da Comissão Estadual de Teatro, que liberava as verbas. Nagib foi extremamente delicado ao acolher nossa reportagem e inesperadamente carinhoso ao ver nossa edição especial. Nagib enviou-nos um telegrama ("Parabéns. O Porandubas entrou para a História revivendo a saga do TUCA") e uma carta para a Reitora ("Recebi emocionado a edição especial do Porandubas... Hoje tenho a certeza de que o testemunho dado por aquele grupo de jovens não só frutificou no campo próprio do teatro, como também estendeu sua influência a vários grupos culturais"). Nagib, nós guardamos tua voz numa fita de gravador, mas sobretudo em nosso coração.

3 — Carlito Maia nos mandou uma carta enorme, bem ao seu estilo. Ele revela que a data de 11 de setembro é marcante para ele pela "aparição do facínora Pinochet nos anais do crime, em 1973". É também o dia do nascimento da Luciana — sua filha — no mesmo dia da estréia da peça, em 1965. Dia 11/9/76 Carlito decidiu parar de beber pra valer após longos anos de "química geral"; este dia enfim é também a data nacional da Catalunha. Carlito se penitencia por não ter lembrado em sua

entrevista do Bigode, de Elza Lobo, do Nagib, do Suster e diz que se sentiu "como um senador biônico do PDS entrando numa festa de Comunidade de Base", sem ter muito a ver com a estória toda. Quanto ao Chico Buarque, ele diz que atingiu o máximo da irresponsabilidade: tanto Chico quanto Pelé são figuras inigualáveis mas com a ressalva de que Pelé e Edson Arantes do Nascimento são duas pessoas bem diferentes, o que não acontece entre Chico Buarque e Francisco Buarque de Hollanda "rigorosamente iguais em tudo: genialidade, comportamento, tudo. Diria até que ambos traíram suas origens; o ex-homem do povo Pelé e o ex-elite Chico". Esclarece que, para ele, o teatro do Chico é muito bom como livro mas não no palco. Na poesia, agora que morreu Vinícius, "o Chico só não ficou sozinho na parada dos maiores na poesia brasileira porque aí temos, em plena forma, o Drummond". "Minha vida, diz Carlito, está marcada por 3 peças inesquecíveis, dessas que eu vi dez vezes, no mínimo... foram: 'Morte e Vida Severina', 'Reveillon' e 'Macunaíma' de Mário de Andrade/Antunes Filho". e Finaliza, "envergonhadíssimo": "Acho que foi no mínimo chulo meu depoimento, mais que indébito sobre os 15 anos de 'Morte e Vida Severina'; que vocês heróis e heroínas de MVS me perdoem, por favor". Carlito Maia.

(EM TEMPO: É, Carlito. Em nome desse pessoal todo que o amou e não viu vergonha no que você disse, PORANDUBAS repete o que o Nagib lhe escreveu, seis dias antes de falecer: "Lembrei, saudoso, do amigo Carlito tentando alterar a realidade, bolando mil macetes, mostrando como é duro ser criativo numa civilização que ainda está se propondo".)



Perdizes ganhou a sua primeira pista de patinação, e o presente aos adeptos do esporte veio duplamente, pois esta pista se constitui de duas ao mesmo tempo, sendo uma interna e outra externa, tendo como ligação um tunel onde as pessoas passam patinando, na pista interna existe todo um sistema de iluminação, sonorização e pintura, tendo como tema principal a logoletra da casa "ROLLER", e motivos de patins. A casa está dotada de uma locação, para os frequentadores que não possuem patins. A pista externa tem como motivo principal toda uma paisagem baseada em plantas naturais, como ajardinamento em toda as laterais da pista. Existe também um barzinho que dentre outras coisas, serve chopps, sorvetes, refrigerantes, lanches em geral dotado o mesmo de parte inferior e superior com mesinhas para os clientes e observadores. A Polisport além de patinação possui quadras cobertas de futebol de salão, voley e Ginásticas de diversas modalidades sendo assessorada as atividades esportivas por professores de Ed. Física e aulas de patinação para principiantes.

De Terça a Sexta-feira o ingresso no Roller das 14 às 18 hs é de Cr\$ 50,00, após às 18 hs: Cr\$ 100,00

Com patins próprios Cr\$ 200,00, sem horário mínimo para patinar sem patins Cr\$ 150,00 a 1ª hora e Cr\$ 50,00 as horas seguintes. Sábado e Domingo, o preço continua sendo o mesmo com exceção do horário das 14 as 18 hs. que é de Cr\$ 100,00 a entrada.

POLISPORT ROLLER SUMARÉ

RUA APIACÁS Nº 80 — PERDIZES — Esq. com Av. Sumaré

TELS 263-9833 e 864-4734

PREÇOS PARA FESTAS ESPECIAIS A COMBINAR